



**12.ª COMISSÃO DE CULTURA, COMUNICAÇÃO,  
JUVENTUDE E DESPORTO**

**AUDIÇÃO 67-CCCJD-XV**

9 de janeiro 2024

(10:00-12:08)

**Ordem do dia:** Audição, a requerimento do Grupo Parlamentar do BE, do ex-presidente da Comissão Executiva do Global Media Group Marco Galinha, sobre o Global Media Group.

**Entidades Ouvidas:**

Ex-presidente da Comissão Executiva do Global Media Group

Marco Galinha

O Sr. **Presidente**: — Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, vamos dar início à nossa reunião de 9 de janeiro.

*Eram 10 horas.*

A ordem do dia desta primeira parte é a audição, a requerimento do Grupo Parlamentar do Bloco de Esquerda, do ex-Presidente da Comissão Executiva da Global Media Group (GMG), Marco Galinha, a quem cumprimento e agradeço a presença na Assembleia da República.

Vamos trabalhar com a nossa grelha habitual, o que significa que inicia esta audição o Grupo Parlamentar requerente, que é o Bloco de Esquerda, que disporá de 5 minutos. Aliás, todos os outros grupos parlamentares terão 5 minutos para colocarem as questões ou fazerem a declaração que entenderem. O ex-Presidente do Global Media Group, Marco Galinha, responderá individualmente a cada grupo parlamentar, dispondo para tal também de 5 minutos.

No final, o grupo parlamentar requerente terá mais 2 minutos para concluir a primeira ronda. Até hoje não usámos, mas existe uma segunda ronda caso os grupos parlamentares decidam da sua necessidade.

Temos quórum e por isso vamos dar início à reunião, desejando, claro está, bom ano para todos e todas as Sr.<sup>as</sup> e os Srs. Deputados.

Tem a palavra, pelo Grupo Parlamentar do Bloco de Esquerda, a Sr.<sup>a</sup> Deputada Joana Mortágua.

A Sr.<sup>a</sup> **Joana Mortágua** (BE): — Sr. Presidente, queria agradecer a disponibilidade do Administrador Marco Galinha para estar aqui connosco hoje.

Tenho uma lista de 20 perguntas para lhe fazer. Vou fazê-las, na esperança de conseguir chegar ao final da lista e de que, ao longo da audição, mesmo que não nos primeiros 5 minutos, consiga responder a todas. São todas relacionadas naturalmente com o Grupo.

A primeira é sobre a situação do Grupo e sobre como a encontrou, quando entrou para o Grupo. Pergunto se foi feita uma *due diligence* quando entrou para o Global Media Group e qual foi o legado de Proença de Carvalho do ponto de vista da Administração. Havia sinais de descapitalização do Grupo?

A segunda pergunta é: qual é que era o seu objetivo ao entrar para o Grupo, além do amor a Portugal, que já foi declarado publicamente? Estava ligada com a aquisição da VASP e de outro imobiliário ligado ao Grupo?

A terceira é: quantas empresas do Grupo Bel é que são prestadoras de serviços à Global Media? Qual é que é o valor da prestação de serviços que as empresas do Grupo Bel recebem da Global Media, incluindo arrendamentos de edifícios, a distribuição, a impressão, a frota e outro tipo de serviços?

Queria também perguntar-lhe o que é que aconteceu às revistas, nomeadamente a *Evasões* e a *Volta ao Mundo*, que transitaram da Global Media para a Palavras de Prestígio, que pertence ao Grupo Bel, e se isso não significa uma menor receita para o Grupo e uma desvalorização do Grupo. Queria perguntar-lhe qual era, quando saiu da direção executiva ou da comissão executiva, a dívida do Grupo ao Estado e qual era a dívida aos sócios, aos acionistas. Pergunto também se o Grupo reembolsou empréstimos

aos acionistas no valor de 7 milhões. Se sim, qual foi a taxa de remuneração desses empréstimos e a que acionistas ou sócios é que foram reembolsados?

Queria perguntar-lhe o que é que significa o adiantamento por conta de lucros no valor de 833 mil euros que aparece nas contas de 2022.

E, entrando noutra capítulo, que é o do fundo, gostaria de perguntar quem é que negociou a entrada deste fundo na Páginas Civilizadas. Com quem é que ele foi negociado? Quem é que foi o intermediário? Foi negociado em viagens ao Brasil? É público que Marco Galinhas esteve no Brasil com José Sócrates, por isso pergunto se foi negociado em algumas dessas viagens ou se José Sócrates teve papel nesse negócio.

Qual foi o valor do negócio? Quem é o beneficiário deste fundo? Porque é que a informação sobre o beneficiário deste fundo é mais valiosa do que a própria participação do fundo no Grupo? Isto porque que se arriscava, e pelos vistos, se consumou a aplicação do artigo 14.º pela ERC (Entidade Reguladora para a Comunicação Social), que pode levar, no limite, à suspensão dos direitos de voto por falta de transparência.

Marco Galinha já negou a relação deste fundo com Daniel Dantas, um empresário brasileiro. Pergunto-lhe se nega que o empresário é fundador do World Opportunity Fund (WOF) ou que foi com ele a intermediação para o World Opportunity Fund?

Pergunto-lhe qual é a relação do empresário Luís Bernardo e de Almeida Ribeiro com o Grupo Bel, com o Global Media Group e com a negociação com o World Opportunity Fund para a entrada no Global Media Group.

Não é segredo que Luís Bernardo é presença assídua nos escritórios da Global Media Group e que se passeia pela Global Media Group. Pergunto-lhe a que título e com que relação com a Administração é que o faz.

Pergunto-lhe qual era o projeto negociado para o Grupo com a nova Administração e com o fundo e qual é que era o compromisso do fundo relativamente a investimentos. Pergunto-lhe porque é que os ajustes salariais à inflação, que foram negociados ainda sobre a égide do administrador Marco Galinha, em poucos meses, deixaram de ser possíveis. Pergunto-lhe que plano de reestruturação é este que José Paulo Fafe diz que Marco Galinha conhece e ao qual deu anuência, mas que, pelos vistos, significa um despedimento coletivo. Quanto é que o fundo investiu no Grupo, em quê e onde é que está esse dinheiro?

Queria agora fazer um conjunto de perguntas sobre a nova Administração, nomeadamente sobre algumas pessoas que a representam. Há algum mistério sobre a entrada de José Paulo Fafe para a Administração do Global Media Group que gostava que me esclarecesse. Em primeiro lugar, queria tentar perceber qual é a sua relação empresarial com José Paulo Fafe. Quem é que os apresentou?

José Paulo Fafe devia 150 mil euros ao Global Media Group, devido a uma dívida por pagar da Chiado Consultores, que, inclusive, levou a que o Global Media Group entrasse em tribunal para requerer a insolvência da Chiado Consultores, alegando até uma falência fraudulenta, segundo os advogados do Global Media Group, com manifesta incompetência do gestor José Paulo Fafe, na altura, para gerir a Chiado Consultores.

Porque é que é esta a pessoa que Marco Galinhas escolhe para ceder a marca *Tal & Qual* por 10 anos e, com isso, fazer um perdão de dívida de 125 mil euros, fazendo com que os restantes 25 mil euros sejam pagos em prestações mensais de cerca de 416 euros, das quais a sua maioria não foi paga — segundo sei apenas 3 prestações foram pagas, se houver outra informação peço que nos dê?

Qual é a razão pela qual foi José Paulo Fafe escolhido para liderar o *Tal & Qual*? Quem é que financiou o *Tal & Qual*? Quem é o proprietário das instalações onde funciona o *Tal & Qual*? E porque é que, depois de dois anos de José Paulo Fafe ter deixado a empresa que gere o *Tal & Qual* em falência técnica com passivo de 334 mil euros, é precisamente José Paulo Fafe que é escolhido para vir administrar o Global Media Group.

Quem é que escolheu uma pessoa destas, que me parece evidente que não tem competências ou, pelo menos, que não tem um historial que caucione as competências, para gerir um grupo desta importância. Ouvei com atenção um *podcast* em que Marco Galinha dizia que o mais importante era rodear-se dos melhores. Pergunto-lhe se José Paulo Fafe é um dos melhores.

Quero fazer uma última pergunta que tem a ver com o futuro do Grupo: qual é que vai ser o desfecho? Vai agir para salvar o Grupo? O que é que acontece se o artigo 14.º for aplicado? O que é que vai fazer para garantir os salários dos trabalhadores? E como é que responde às acusações de má gestão que lhe foram feitas pelo administrador José Paulo Fafe?

O Sr. **Presidente**: — Muito obrigado, Sr.<sup>a</sup> Deputada.

A Sr.<sup>a</sup> **Joana Mortágua** (BE): — Sr. Presidente, só um ponto de ordem: sei que são muitas perguntas e, por isso, gostaria de entregar a lista das perguntas, se for possível, para que ao longo da audição não se vão esquecendo.

O Sr. **Presidente**: — Então, peço aos serviços que recolham as perguntas da Sr.<sup>a</sup> Deputada Joana Mortágua.

Aquilo que a experiência nos diz é que é impossível responder a tantas perguntas na primeira resposta direta à Deputada Joana Mortágua. A experiência diz-nos que muitas destas perguntas serão repetidas por outros grupos parlamentares.

O ex-Presidente da Comissão Executiva do Global Media Group confidenciou-me que tem uma declaração para fazer e, portanto, aquilo que propunha é que fizesse essa declaração, que, estou certo, responderá a algumas das perguntas que a Sr.<sup>a</sup> Deputada Joana Mortágua aqui colocou, e que, depois, durante a intervenção dos diferentes grupos parlamentares, fosse respondendo às perguntas dos grupos parlamentares, recuperando as que agora não terá tempo de certeza, sendo certo que a Sr.<sup>a</sup> Deputada Joana Mortágua, tendo sido a requerente desta audição, tem ainda mais 2 minutos no fim.

Dava a palavra, então, ao ex-Presidente da Comissão Executiva do Global Media Group, Marco Galinha.

O Sr. **Marco Galinha** (ex-Presidente da Comissão Executiva do Global Media Group): — Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, bom dia.

Agradeço a oportunidade de vir aqui prestar declarações sobre um tema tão relevante para a construção da democracia numa sociedade informada, como é o jornalismo nacional e todo o trabalho que é desenvolvido no Global Media Group.

Inicialmente assumi 40,25 % do capital do Global Media Group e a gestão executiva da empresa, como Presidente do Conselho de Administração e da Comissão Executiva, numa altura em que Portugal já estava oficialmente em pandemia e que vinha de dois anos de instabilidade com desequilíbrios de tesouraria e vários programas de reestruturação.

Durante 2020, com os consecutivos *lockdowns* e o conseqüente impacto nas vendas e no investimento em publicidade pelas empresas, a GMG viveu uma perda de 12 milhões de euros em receitas, num cenário transversal a muitos outros grupos de *media* internacional. No final desse ano, iniciou-se um processo de redução da estrutura do Grupo, que, associado a uma venda de ativos não estruturais e à adesão ao plano de pagamento especial de prestações fiscais do Governo, possibilitou uma melhoria dos resultados em 2021. Em 2022, os fatores externos de instabilidade agudizaram-se, com a guerra, a alta taxa de inflação e a deslocação de publicidade dos meios tradicionais para as redes sociais, levando a uma perda de receitas de publicidade em todo o setor na ordem dos 10 a 15 %.

Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, com todos estes fatores externos que afetam até hoje a nossa economia e muitas áreas de negócio, posso dizer-vos que, entre 2021 e 2023, enquanto acionista, investi na empresa cerca de 16 milhões de euros — repito, 16 milhões de euros — em compras de dívida à banca, aumentos de capital, compra de ativos e suprimentos.

A dívida bancária foi reduzida de 68 milhões de euros, repito, de 68 milhões de euros para menos de 1 milhão de euros. O EBITDA (*earnings before interest, taxes, depreciation and amortization*) veio de 8,5 milhões de negativos entre 2018 para níveis equilibrados, quer em 2021 quer em 2022.

Em termos de recursos humanos, procedeu-se a uma política de contenção alinhada, com o redimensionamento das redações e o investimento em novas instalações e na rede de transmissores.

Permitam-me que sublinhe alguns resultados: 16 milhões de investimento, redução de dívida e um EBITDA de praticamente 2 milhões positivos no início de 2023.



Estrategicamente, o *Diário de Notícias* voltou a estar na banca, diário. O arquivo do *DN* foi considerado tesouro nacional, preservando-se a história do título mais antigo do continente. As restantes marcas mantiveram a sua força e representação no mercado, com um crescimento gradual da presença no digital, além de algumas marcas serem líderes nacionais, acompanhando a tendência deste mercado desde a pandemia.

No final do primeiro semestre de 2023, a empresa estava com boas perspetivas de futuro. Foram anos muito exigentes ao nível da tomada de decisões de gestão e sempre procurei privilegiar oportunidades de investimento ou redução de dívidas, sem prejuízo de salários ou remunerações, valorizando a dedicação, a entrega e o trabalho de todos os colaboradores da GMG.

Em 2023, surgiu uma oportunidade de negócio para a entrada do fundo WOF, World Opportunity Fund, no capital da empresa, que veio associado a uma intenção de forte investimento, com o objetivo da renovação das marcas do Grupo, designadamente com a entrada no mercado internacional. Perante esta proposta, considerando que o trabalho de estabilização da empresa estava realizado e que o foco estratégico do Grupo Bel é na área de logística e distribuição, considerei que estava perante uma oportunidade de valor para o GMG.

Durante vários meses foi levado a cabo um rigoroso trabalho de *compliance* para a verificação da idoneidade e da capacidade financeira do fundo, como é prática neste tipo de operações, e foi igualmente realizado um extenso trabalho de *due diligence* com resultados positivos para a concretização do negócio. Concretizados os termos da venda da participação maioritária da Páginas Civilizadas para o fundo, o novo Conselho de Administração foi sendo formado com redefinição de funções.

Atualmente, e desde setembro, a gestão executiva da empresa passou a ser executada por uma maioria indicada pelo novo investidor. É assim, com perplexidade e profunda preocupação, que, nas últimas semanas, tenho assistido à falta de paz social na empresa e à desvalorização pública do jornalismo na GMG.

Acredito que, muitas vezes, é nas grandes dificuldades que surgem as oportunidades e vivemos, neste momento, uma oportunidade de agir enquanto sociedade democrática. Mais do que tomar medidas para reparar os danos causados, temos de pensar em construir para garantir a sustentabilidade do GMG e dos *media* em Portugal.

Citando o reconhecido jornalista Fernando Alves, da TSF: «vamos ao fim da rua, vamos ao fim do mundo.» Não posso terminar sem agradecer a todos e a cada trabalhador do GMG que tive o privilégio, repito, o privilégio de ter como equipa durante dois anos e meio. Foi uma experiência única, de onde retiro uma grande aprendizagem e um maior respeito pelo jornalismo em Portugal. Obrigado e estou a dispor para responder às vossas questões.

O Sr. **Presidente**: — Haverá oportunidade para ir respondendo às questões muito concretas que a Sr.<sup>a</sup> Deputada colocou até ao final da audição. Nesta Comissão, depois do grupo requerente, tem a palavra o maior grupo da oposição, portanto, tem a palavra, pelo Grupo Parlamentar do PSD, a Sr.<sup>a</sup> Deputada Fernanda Velez.

A Sr.<sup>a</sup> **Fernanda Velez** (PSD): — Sr. Presidente, cumprimento o Sr. Presidente e as Sr.<sup>as</sup> e os Srs. Deputados e apresento um cumprimento muito especial ao Dr. Marco Galinha, agradecendo a sua disponibilidade para estar hoje nesta audição.

É reconhecido por todos que a liberdade de imprensa, a liberdade de expressão e o acesso à informação constituem direitos fundamentais num Estado democrático e de direito. Daí a necessidade de uma comunicação social assente no pluralismo na diversidade, na igualdade não discriminatória, orientada para os diversos sectores da sociedade, assente na coesão e integração nacionais, refletindo os valores comuns e servindo as necessidades e os interesses de toda a população.

O Global Media Group é proprietário de vários órgãos de comunicação social de enorme relevo e importância no panorama dos *media* em Portugal. Com a recente entrada de um novo acionista no capital deste Grupo, verificou-se uma crise financeira de enorme gravidade com consequências dramáticas, sobejamente conhecidas, afetando um dos pilares fundamentais da democracia, e este aspeto exige a atenção deste Parlamento.

Em fevereiro de 2021, enquanto fundador e líder do Grupo Bel, o Dr. Marco Galinha assumiu o cargo de Presidente do Conselho de Administração do Global Media Group. No ano passado, o Grupo Bel vendeu a maioria do capital da sociedade participada Páginas Civilizadas ao fundo de investimento World Opportunity Fund, pelo que, a 15 de novembro de 2023, o Dr. Marco Galinha cessou as suas funções enquanto Presidente da Comissão Executiva do Global Media Group, tendo sido substituído por José Paulo Fafe.

Quanto às suas motivações, o Dr. Marco Galinha assumiu publicamente, e passo a citar: «vim para os *media* sem nenhuma agenda e investi para além das possibilidades na salvação do Global Media Group.» E já fez saber publicamente que a sua passagem pelo Global Media Group foi enriquecedora, tanto a nível pessoal como profissional. Afirmou, e cito: «ajudar a recuperar um projeto de *media* nacional, centenário, declarado

tesouro nacional é uma missão singular e única. Fui num sentido de missão recuperar as marcas nacionais de enorme prestígio.»

A primeira pergunta que lhe deixo, Dr. Marco Galinha, é a seguinte: se olharmos para o Global Media Group em dois momentos, aquele em que assumiu a presidência da comissão executiva e o momento em que é substituído por José Paulo Fafe, que semelhanças e diferenças lhe é possível identificar?

Em julho do ano passado, a empresa Páginas Civilizadas controlava 50,2 % da Global Media e 22,35 % da Lusa. No final desse mesmo mês, o fundo de investimento World Opportunity Fund passou a deter 51 % do capital social da Páginas Civilizadas. O restante capital permanece nas mãos dos acionistas José Pedro Soeiro, 20,8 %, e Kevin Ho, 29,35 %.

Gostaríamos, pois, que o Dr. Marco Galinha pudesse ser mais explícito relativamente à forma como decorreu o processo de venda destas participações ao World Opportunity Fund, sobretudo, no que diz respeito à salvaguarda de um grupo de importantes empresas de comunicação social considerado um «tesouro nacional», citando as suas próprias palavras.

Infelizmente, hoje assistimos a uma crise financeira e a uma enorme instabilidade no Global Media Group. Segundo um comunicado de 29 de dezembro, esta situação é resultante de um manifesto incumprimento por parte do World Opportunity Fund quanto a obrigações relevantes dos contratos e ao cumprimento de outras responsabilidades. Dr. Marco Galinha, pode explicitar-nos quais as obrigações que o novo acionista não tem vindo a cumprir e que estejam na base desta dramática crise?

É que a nova Comissão Executiva refere que, e cito, «desde junho até ao momento, o World Opportunity Fund já investiu cerca de 10,2 milhões de euros no Global Media Group.» Esta mesma Comissão Executiva tece duras

críticas ao anterior Conselho de Administração, críticas essas muito graves, que me vou escusar de mencionar, pois são do conhecimento público. Que comentário lhe que merecem estas críticas?

O Dr. Marco Galinha teve conhecimento e deu o seu pleno e inequívoco apoio a todas as decisões apresentadas pela atual Comissão Executiva, incluindo o plano de reestruturação que o Global Media Group pretende implementar, plano esse que, segundo José Paulo Fafe, não sendo posto em prática, conduzirá o Global Media Group para uma morte mais do que anunciada?

Por último, queremos deixar bem claro que o Grupo Parlamentar do PSD acompanha com muita preocupação os problemas que se verificam no Global Media Group, desafios que vão além das complexidades inerentes ao setor da comunicação social, que suscitam reflexões sobre o estado da liberdade de imprensa e a sustentabilidade da indústria jornalística, situação relativamente à qual é inaceitável a total inoperância do Ministério da Cultura. Muito obrigada, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Devolvo a palavra ao ex-Presidente da Comissão Executiva do Grupo Global Media, Marco Galinha, para responder, durante os próximos 5 minutos, às questões colocadas pelo Grupo Parlamentar do PSD e às que conseguir recuperar do Grupo Parlamentar do Bloco de Esquerda.

O Sr. **Marco Galinha**: — Vou tentar e, antes de mais, quero dizer aqui uma coisa: vejo várias preocupações, enormes preocupações, e ainda hoje vinha para aqui e vinha a pensar não só nos jornalistas, mas em todos os

colaboradores que não têm o salário em dia. Vendi essa empresa e a minha preocupação está com essas pessoas.

Dentro das minhas empresas, e são milhares de trabalhadores, eles sabem do que estou a falar. Em 23 anos nunca falhou um salário, 1 cêntimo, apesar de, muitas vezes, quererem passar e veicular ideias diferentes.

Vou tentar resumir, fazendo aqui uma súmula. Houve ativos não estratégicos identificados que já estavam no Grupo quando entrei na Global, e esses ativos que estavam identificados foram vendidos sempre, repito, sempre, privilegiando a Global Media Group.

Sobre a situação da VASP na Global Media Group: a VASP era uma empresa recorrente, com prejuízos. Após a empresa ter sido vendida, exatamente pelo mesmo valor, o Grupo Bel comprou à Global Media Group. Sempre, e repito, valorizando sempre a perspectiva, em todo e qualquer contrato, da Global Media.

Infelizmente, quando chegámos à Global, já não havia quase património nenhum. Essa ideia que se quer passar é completamente falsa. O património, os edifícios já tinham sido vendidos. Quando chegámos a este Grupo, a dívida era monstruosa, não havia capital próprio, mas havia uma coisa: muito boa vontade de dar a volta, de fazer uma transição serena, seja nos antigos acionistas, nos bancos, e passando por nós. Houve sempre uma transição serena, sempre defendendo os interesses dos colaboradores da Global Media.

O Grupo reduziu brutalmente os custos, não tanto os custos com os jornalistas. Vejo que as notícias más veiculam muito mais facilmente na Global Media, mas as boas não. Se a memória não me falha, subimos 150 salários, os mais baixos. A Comissão Executiva custava 1 milhão e 200 por

ano e passou a metade. Não vou especificar aqui, mas custava 1 milhão e 200 por ano e, quando eu entrei, passou a metade.

O Grupo Bel investiu bastante em publicidade na Global Media, muito mais do que 500 mil euros. Todos e quaisquer contratos de consultadoria que se fizeram entre o Grupo Bel e a Global Media, foi só para privilegiar a Global Media, aproveitando as sinergias do Grupo Bel, baixando custos.

Quando chegámos à Global Media, havia 150 cartões de carregamento de combustível que ninguém sabia onde andavam — eu desconfio! O que acontece é que acabámos com esses cartões, introduzimos práticas de sustentabilidade ao nível da energia, como fazer Lisboa-Porto em carro eléctrico, muitas vezes com carros com energia solar. O Grupo Bel disponibilizou-se e foi exemplar. Em 80 empresas que o Grupo Bel tem, talvez em todo o currículo da minha vida, o trabalho mais exemplar, repito, mais exemplar da equipa que esteve comigo, uma equipa brilhante, foi no Global Media Group.

Sobre o Paulo Lima de Carvalho, ele foi-me apresentado pelos representantes do fundo, advogados — um dos maiores escritórios internacionais que opera em Macau e Hong Kong. Foram eles que me apresentaram. Falei uma ou duas vezes com o Paulo Lima de Carvalho e achei bem. Se ele conhece o Luís Bernardo, onde ele anda, como anda, com quem dorme, terão de perguntar ao Paulo Lima de Carvalho. Terão de lhe perguntar a ele, não perguntem ao Marco Galinha, porque de teorias de conspiração está o mundo cheio.

Mais, foi assumido, foi público, que estive no Brasil com José Sócrates: falso. Foi assumido, público: falso. Isso é falso. O que está na *Visão* nem sempre é verdadeiro. Repito: o que está na *Visão* nem sempre é verdadeiro,

por isso é que há uma ação entre o Grupo Bel e a *Visão* de 1,5 milhões de euros.

Sobre os negócios entre os acionistas que estavam no plano estratégico de venda de ativos das empresas: qualquer assunto e qualquer contrato terão de falar com a Comissão Executiva. Vendi a Global Media Group, essas teorias que aí se desenham...

Estou comprometido, se necessário, para trabalhar uma solução. E esta Casa tem várias oportunidades para criar uma solução, não só para a Global Media, mas para os *media* em Portugal. E, neste momento, estamos todos preocupados — devíamos era ter começado a trabalhar antes, é a minha opinião.

Contem comigo sempre, sempre, para fazer parte das soluções. Eu nunca, nunca, quer dizer...

Quem escolheu o fundo? Eu não escolhi fundo nenhum! Quem escolheu o Fafe não fui eu, foi o fundo. Eu não escolhi ninguém. Se fiquei surpreso com a equipa de gestão que eles nomearam? Fiquei surpreso. E, na verdade, quem falhou aqui foi o fundo. Havia compromissos, havia planos assinados e, de uma certa forma, não quero defender ninguém, mas, de uma certa forma, estes membros da Comissão Executiva devem ter ficado em pânico, porque o fundo, de facto, falhou. Falhou com o que está comprometido, com as responsabilidades que assumiu. Falhou.

Devem ter alguma razão para explicar isso, mas quero acreditar que um fundo legal na União Europeia — porque este fundo está licenciado para operar na União Europeia! — e, pelo que sei, Portugal está na União Europeia e também pode operar segundo estas regras internacionais... Este fundo tem muitas operações na União Europeia, não percebo porque é que, de repente, tudo isto aconteceu.



Era uma das perguntas que eu gostava mais de vos fazer a vocês, porque esta é a Casa que tem de apurar este tipo de coisas. Não tenha a mínima dúvida.

O Estado, na minha opinião, sobre a Lusa, houve uma...

Há uma gestão empresarial a que estou habituado e há uma gestão política. Há documentos trocados, há contratos feitos, foi marcado um *closing* sobre a Lusa, foi marcado um *closing*, há responsabilidade pré-contratual e, de um momento para o outro, saberão tão bem quanto eu... E atenção que falo assim, mas tenho enorme respeito para com os Srs. Deputados. Tenho um enorme respeito e estou muito satisfeito por este tipo de trabalho, sempre na procura da verdade. Agora, como é lógico, deixem-me ver se eu...

Ah, já passei o tempo. Eu já volto atrás para responder aos outros temas.

O Sr. **Presidente**: — Vamos terminar por aqui esta segunda intervenção, e vou dar a palavra a outro grupo parlamentar e, depois, retomamos as respostas.

É a vez do Grupo Parlamentar do Partido Socialista, tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Deputada Mara Lagriminha.

A Sr.<sup>a</sup> **Mara Lagriminha Coelho** (PS): — Muito obrigada, Sr. Presidente. Quero, naturalmente, cumprimentar o Sr. Marco Galinha e agradecer também a disponibilidade para se dirigir a esta Comissão.

Estamos certos de que a sua presença poderá clarificar alguns episódios desta série de acontecimentos que têm ocorrido nos últimos meses no Global Media Group e que são, hoje, todos concordamos, do interesse público, merecendo, naturalmente, o acompanhamento desta Comissão.

Durante estas semanas, nesta Comissão e no decurso das audições, foram denunciadas situações graves no que se refere aos direitos dos trabalhadores do Grupo e, em particular, aos jornalistas, mas também no que se refere à autonomia das redações e edições.

Quero por isso, desde já, voltar a reforçar a solidariedade desta Comissão e do Partido Socialista para com os jornalistas e funcionários do Global Media Group que amanhã estarão em mais uma frente de luta, exercendo o direito à greve pelos seus direitos laborais, pela preservação da profissão de jornalista que é essencial para o bom funcionamento da nossa democracia.

Ao longo destas audições, obtivemos um conjunto de dados que nos deixaram perplexos e que são reveladores da sangria — e a expressão não é minha, foi do Sindicato dos Jornalistas! — que está a ser feita no Global Media Group, que traduz uma potencial ameaça ao nosso Estado de direito e até à nossa democracia.

O que sabemos ao dia de hoje é que os trabalhadores não receberam ainda o subsídio de Natal, que foi unilateralmente decidido pagar em duodécimos, o que, como se sabe, não pode acontecer; não receberam o salário do mês de dezembro, sendo que os demais trabalhadores a recibo verde receberam o mês de outubro já em janeiro.

A minha primeira questão é se, como acionista, considera aceitável, o não pagamento de salários e do subsídio de Natal avançar para despedimentos coletivos de cerca de 200 pessoas e, a acrescer a isto, a tentativa de pressionar os acordos com pagamentos a 18 meses.

Vamos passar para o momento em que V. Ex.<sup>a</sup> deixa a presidência executiva do Global Media Group com a nova Administração executiva, depois de ter vendido a maioria do capital da participada, Páginas Civilizadas,

que tinha posição maioritária no Grupo, e que ditou, com esta operação, uma nova Administração executiva, como hoje aqui também já teve oportunidade de dizer.

Na altura, houve um comunicado do Grupo Bel enviado à imprensa, aquando desta operação, e que diz, cito, «quando adquiriu a sua participação, o Grupo Bel encontrou a empresa numa situação particularmente difícil» — hoje voltou a reforçar aqui essa ideia — «agravada pelo contexto da pandemia, que teve um forte impacto em toda a área de *media*.» Durante a Administração liderada por si, o plano de reestruturação implementado permitiu revitalizar uma das maiores referências do jornalismo, privilegiando os recursos das empresas.

Hoje já aflorou por alto essa questão, mas gostaria que pormenorizasse: qual é, de facto, a real situação financeira do Grupo, aquando da venda? Isto porque aquilo que nos é dado por si publicamente a saber nesta altura é que o plano de reestruturação, à data, permitiu revitalizar o Grupo e os recursos da empresa.

Portanto: qual era a situação financeira da altura? Confirma os dados do seu CFO (*chief financial officer*) que aponta para essa recuperação? Que dimensão teve aqui o fundo de investimento que comprou parte da empresa, a Páginas Civilizadas, segundo ele, já fortemente endividada e com prejuízos acumulados? Se sim, tal era do conhecimento do fundo? Muito nos espantaria, naturalmente, se assim não fosse.

Tal leva-nos ainda para uma terceira questão, que é determinante e que até agora tem sido uma lacuna nesta série. A Deputada Joana Mortágua há pouco já questionou, mas sinto que isso ainda não foi, de facto, clarificado: o que motivou a venda ao fundo? Quem são os rostos do fundo? Com quem negociou o acordo?

Isto porque todos nós podemos conhecer a mão invisível do mercado, mas o mercado faz-se com pessoas. Tenho a certeza de que, com a sua grande experiência como empresário, como empreendedor, não negociou com fantasmas. Portanto, quem são? Que participações conhece nesse fundo? E foi ou não assegurada, aquando da venda, a idoneidade deste fundo?

A par disto, soubemos ontem, através de comunicado, que a ERC abriu procedimentos relativos à situação do Grupo Global Media — isso já hoje aqui foi dito —, nomeadamente um processo administrativo autónomo para a aplicação da lei da transparência, dado que existem fundadas dúvidas sobre se entre os detentores do fundo existem participações qualificadas nos termos dessa lei. Também foi aberto um procedimento oficioso de averiguações com vista a verificar a existência de alteração de domínio dos operadores de rádio não autorizados pela ERC com a entrada do fundo na estrutura proprietária do Grupo Global Media, a ocorrência de modificações não aprovadas pela ERC ao projeto de serviço de programas da TSF e as consequências da reestruturação em curso no Grupo Global Media sobre o pluralismo e a preservação das linhas editoriais dos diferentes órgãos de comunicação social do Grupo.

Portanto, gostaria que comentasse isso, como pessoa que liderou a venda ao fundo, como acionista e administrador não executivo, sabendo que cabe à ERC ser informada sobre as alterações de propriedade dos órgãos de comunicação social, zelar pela respetiva transparência e escrutinar o perfil dos acionistas, nomeadamente a sua titularidade.

A quinta questão é: enquanto acionista com assento no Conselho de Administração, ainda que não executivo, tem hoje a mesma opinião sobre a idoneidade do fundo que tinha no momento da venda? Há pouco citou o

Fernando Alves, também o vou citar, quando diz que «a TSF foi tomada por um grupo de gente que não é fiável.»

Em 6 de dezembro, em comunicado interno, a Comissão Executiva do Grupo, já liderada pelo José Paulo Fafe, anunciou que iria avançar com uma reestruturação que disse ser necessária para evitar a mais do que previsível falência do Grupo — reforço aqui a palavra «falência» —, que se junta às já constantes desvalorizações da marca e dos títulos, como a TSF, o *JN*, o *DN*, *O Jogo*, entre outros, e que por isso mesmo tem vindo a perder anunciantes e publicidade.

Portanto, a minha questão também, a sexta, é muito simples: com todos os dados conhecidos ao dia de hoje, na sua perspetiva, que avaliação faz para o futuro do Grupo e que medidas tenciona tomar?

Como já não tenho tempo, vou deixar as questões da Lusa para uma segunda ronda, se eventualmente houver. Muito obrigada.

**O Sr. Presidente:** — Continuamos a colocar muitas questões, múltiplas questões, o que não é fácil, de facto, para responder, mas vamos tentando.

Devolvo a palavra ao ex-Presidente da Comissão Executiva do Global Media, Marco Galinha, para tentar responder agora às questões do Partido Socialista e a algumas que foram ficando para trás e que considere pertinente responder.

**O Sr. Marco Galinha:** — Para mim, uma das coisas mais importantes de que aqui se falou, e que levou também o Grupo Bel a fazer aquele comunicado, é que não considero, de forma alguma, aceitável não pagar salários ou não pagar subsídios.

Há uma questão também que fica, porque vocês estão a fazer-me muitas perguntas... Desde que vendi a Global Media, a maioria que tinha, não voltei a entrar lá. Estão aqui a fazer-me perguntas sobre a gestão, mas terão de fazer estas perguntas...

Fiquei com responsabilidades na Global Media para preservar o espólio — também já vi criatividade escura, profunda, nas notícias. O espólio estava numa garagem, no edifício das Torres, e nunca vi ninguém preocupado sobre o espólio da Global Media, com centenas de anos. Estava a levar com fumo de carros e o Grupo Bel providenciou um armazém em segurança, com o melhor sistema mundial, para preservar o espólio da Global Media.

O que é que saiu nos jornais? Exatamente o contrário. Aquilo saiu de uma garagem das profundezas das Torres, mas o que saiu nos jornais foi ao contrário. E esta foi uma das razões também que me levou a pensar muito no meu futuro. Tudo o que fiz com a minha dignidade, com a minha honra, com a equipa da Global Media saía sempre ao contrário nos jornais, repito, saía sempre ao contrário dos jornais. A história era sempre contada ao contrário.

Em relação à situação financeira do Global Media Group, olhe, a situação não pode ser tão má assim, porque havia bastantes propostas de compra, algumas dos maiores fundos mundiais, que não vou estar aqui a citar. A situação não pode ser tão má, porque recebi quatro propostas. Há quatro projetos para salvar esta empresa.

Se isto está tão mal assim? Não concordo. Acredito que houve uma enorme pressão por esta falha do fundo, acredito. E os colaboradores da Global Media, penso que sabem que, dadas as condições e a documentação já acionada com o fundo, precisamos de uma resposta urgente para saber o que fazer. Já apresentámos até algumas soluções, estamos à espera de resposta. Acredito numa solução positiva, não acredito numa solução negativa.

O que era do conhecimento do fundo? Tudo.

Se eu trouxesse hoje 600 *e-mails* trocados, ou 700, ou 800, o primeiro contacto do fundo foi em outubro de 2022, do fundo, ou seja, dos seus representantes. Podia trazer 700 *e-mails*, ou 800, 600, não sei, mas devemos andar por aí. Isto é uma coisa séria, muito trabalhada, pelo menos do nosso lado. Foi feito todo o procedimento.

O que motivou a venda do fundo? Quer dizer, várias razões. Sou um operador na área da logística, tenho responsabilidades para com os meus *stakeholders*. Entrei na Global Media, com a missão, e volto a repetir, com amor ao País, de recuperar a empresa, mas também gosto de ganhar dinheiro, porque é por isso que se movem os empresários. Parece que algumas vezes isso é pecado, há países que têm essa ideologia e estão como estão, a passar fome, em que não há pão ou onde um pão custa 50 kg de notas para se pagar.

Mas pronto, tudo bem. Agora, também me move ganhar o dinheiro, a mim e aos empresários. E é bom que este País tenha empresários que ganhem dinheiro.

O que motivou a venda ao fundo foi o meu foco naquilo que sei fazer bem, e questões de saúde. Eu, a minha família, e os Srs. Deputados e Sr.<sup>as</sup> Deputadas saberão bem do que fui alvo, do barulho, do ruído. Quer dizer, vou bem com a minha consciência para a cama, mas passei um período inacreditável.

Sou ali de perto de Aljubarrota, dos terrenos onde andava o Santo Nuno Álvares Pereira, e ainda hoje o meu filho me mandou uma mensagem sobre exatamente o que ele dizia: nós não temos de ter medo. E, se o Nuno Álvares Pereira cá estivesse hoje, acredito que tentava melhorar tudo aquilo que é de Portugal. É nisto que eu acredito seriamente.

Depois, é claro que podem vir uns truques, umas jogadas daqui e dali. Olhe, estou aqui disponível e não fujo.

A avaliação que faço do futuro do Grupo? É arranjar uma solução o mais rápido possível, é arranjar uma solução rápida que resolva esta situação. Penso que todos nós aqui — penso, não, tenho a certeza! — sabemos o que é passar estas noites sem os salários em dia. Cada noite que passa...

Estamos a falar de pessoas boas. Acredito que há muito bons profissionais e há menos bons, mas estas pessoas estão a sofrer. E é isso que preocupa, e a qualquer empresário com o mínimo de dignidade é isso que o deve preocupar.

Sobre uma dívida que o Sr. Dr. José Paulo Fafe pagou ou não pagou: essa questão está mal contada. Porque, de facto, aquela dívida estava nas catacumbas da Global, e praticamente prescrita, era de 2009, vejam bem, de 2009. O que tentámos foi recuperar algum dinheiro. Com a negociação do *Tal & Qual*, que era um título parado, que estava tão desvalorizado que não valia nada para a Global, tentámos reaver aquele dinheiro.

Agora, se ele paga ou não paga, tenho a ideia de que está tudo em dia. Eu tenho esta ideia, posso estar enganado, mas não estou na Global desde que vendi. Agora, era uma dívida perdida para a Global desde 2009.

Que tinha uma insolvência e que nunca declarou contas? Estou aqui a ver a pergunta da Sr.<sup>a</sup> Deputada Joana Mortágua, e fez muito bem esta pergunta. É a primeira vez que estou a ver isto, não sabia disto. É a primeira vez. Uma insolvência? Não sei. Não sei do que fala. Mas que está aqui nas suas perguntas, está.

Nunca tive nada a ver com o *Tal & Qual*, mas, como deve imaginar, o que nos preocupa na VASP é ter o máximo de títulos a circular. Porque também há outro problema muito sério, que espero que esta Casa não aborde



um dia mais tarde. Porque é que os jornais não estão a chegar a todos os sítios de Portugal? Um dia vai acontecer... A entrega de jornais, os *media* e o jornalismo, que é um pilar essencial da democracia... Não há dinheiro para os *media*, e depois há dinheiro para as federações de futebol. Percebo isso muito bem, mas fica tudo insustentável. Há muitas zonas de Portugal que não estão a receber jornais, porque chegámos a um ponto em que ficou tudo insustentável. E nós andamos a correr atrás de prejuízo e não apresentamos soluções. Isso tem de ser aqui dito.

O Sr. **Presidente**: — Muito obrigado, Dr. Marco Galinha.

Vamos ouvir o próximo grupo parlamentar, também para colocar as questões que entender nos próximos 5 minutos. Neste caso, é o Grupo Parlamentar do Partido Chega. Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Galveias.

O Sr. **Jorge Galveias** (CH): — Sr. Presidente. Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados. Sr. Marco Galinha, muito obrigado por estar presente.

Estamos hoje perante uma situação crítica no panorama dos *media* em Portugal, sendo a crise do Global Media Group um exemplo. A presença do Sr. Marco Galinha, ex-Presidente da Comissão Executiva do GMG, nesta audição, parece-me crucial para esclarecer o seu papel e o papel da Global Media na situação do Grupo.

Sr. Marco Galinha, a sua liderança no GMG foi marcada por desafios significativos. Em 2021, o GMG viu-se face a uma pesada dívida bancária de 11 milhões de euros, que, sob a sua gestão, foi reduzida para 900 mil euros, o que registamos positivamente. No entanto, esta sua estratégia de redução da dívida não conseguiu, incompreensivelmente, em nosso entender, evitar a subsequente crise profunda que assolou o Grupo.

Como é que, apresentando já uma dívida residual — perante o valor anterior — de, creio, 900 mil euros, e depois de tanto esforço, chegou outra vez a este descalabro. É neste contexto que a sua saída da presidência executiva do GMG levanta questões sérias sobre a sua gestão e estratégias adotadas durante o seu mandato.

Para além desses aspetos, a sua acusação, juntamente com outros acionistas ao World Opportunity Fund, de manifesto incumprimento de obrigações contratuais que teriam impedido o pagamento de salários aos trabalhadores, requer um esclarecimento detalhado sobre o fundamento concreto destas graves afirmações.

Por outro lado, ao confrontar a gestão do Sr. Marco Galinha à frente do Global Media Group, não podemos ignorar as palavras de Fernando Alves, já aqui citado pela Sr.<sup>a</sup> Deputada do Partido Socialista, que, em entrevista ao *Público*, denunciou o desinvestimento na rádio sob a gestão recente, levando-o a abandonar a sua função. Este testemunho é uma crítica severa às últimas administrações do GMG, incluindo a sua, suponho, apontando para uma gestão que aos olhos de muitos falhou em preservar o legado e a qualidade jornalística da TSF.

Vou passar diretamente às questões que tenho a colocar-lhe: como é que se explica a severa crise financeira que culminou na sua saída da liderança do GMG? Que medidas específicas foram adotadas sob a sua liderança para enfrentar os desafios financeiros do Grupo?

Pode detalhar as alegações de incumprimento contratual por parte do World Opportunity Fund? Houve alguma ponderação de alternativas que pudessem evitar este despedimento coletivo e assegurar por esta via a continuidade da operação dos meios de comunicação sob sua gestão?

Qual a sua visão para o futuro do GMG e do setor de *media* em Portugal, considerando os desafios atuais e as modernas tendências do mercado? Existe um projeto de reestruturação do grupo negociado com o World Opportunity Fund? O WOF conheceu atempadamente as contas do GMG? Até onde vai hoje em dia a responsabilidade do GMG relativamente aos problemas com que o World Opportunity Fund e os seus trabalhadores se deparam?

Para finalizar, Domingos Andrade afirmou nesta Comissão que foi ele próprio que baixou os ordenados de 16 000 para 8000 euros. Sabe se isto é verdade? É verdade que Domingos Andrade renunciou ao cargo que detinha em troca de uma suposta prestação de serviços no âmbito de um suposto clube de leitura, proposta diretamente feita pelo Global Group?

O Sr. **Presidente**: — Vamos devolver a palavra, para responder às questões agora colocadas, ao ex-Presidente da Comissão Executiva do Grupo Global Media, Marco Galinha. Tem a palavra.

O Sr. **Marco Galinha**: — Bom, queria também dizer aqui uma coisa importante. Antes de mais, muito obrigado, Sr. Deputado, e peço desculpa se não agradei aos outros Deputados pelas perguntas. A emoção aqui não é propriamente fácil. Obrigado pelas perguntas.

Há aqui uma parte importante que é, quando cheguei à Global, fui ver os últimos 10 anos e somava 220... Respondendo ao Fernando Alves, por quem tenho uma grande estima e consideração, que é uma pessoa, um nome marcante deste País. Mais uma vez, não quero comprar carcaças de pão com 50 kg de notas, isso em alguns planetas funciona, mas, infelizmente, a Global tinha perdido quase 250 milhões de euros em prejuízos constantes, acumulados.

Ou então queria estar um dia sentado aqui perante os Srs. Deputados nos grandes devedores e continuava aqui a sorrir para toda a gente ... Tenho responsabilidades para com os *stakeholders* e não quero estar aqui um dia sentado nos grandes devedores. E a Global Media teve de se ajustar ao mais alto nível e cortámos o mínimo possível em jornalistas, cortámos em custos de administração, em vários colaboradores, os funcionários foram, sim, reduzidos.

Recordo-me que, não sei exatamente se o Domingos, mas recordo-me que veio para Lisboa e que ficou muito revoltado comigo, porque lhe tinha prometido um prémio que depois não dei, porque lhe disse que o prémio estava indexado aos resultados positivos. Ele ficou muito chateado. É verdade o Domingos veio para Lisboa viver com os mesmos resultados. E era para ficar num hotel a custar três vezes mais e estava numa casa alugada.

Foi sempre a cortar custos, o que não quer dizer que se possa contar uma história disto e daquilo. Nós estamos a falar de uma empresa que deve emitir 300, 400 documentos por dia, entre *mails* e coisas — não é possível detalhar.

Acho que o mais importante que os Srs. Deputados têm, que é a grande esperança de tudo isto, é como é que é o dia do amanhã. E para aquelas pessoas que estão em casa, como é o dia do amanhã? Qual é a solução? Nós já apresentámos um plano urgente, mas precisamos de respostas. Sou eu que digo isto, mas também os outros acionistas: o Marco, o Kevin e o Soeiro.

O importante disto é que se arranje uma solução urgentemente para pôr isto em dia, porque não é bom para ninguém o que está a acontecer.

Estamos a falar do Grupo mais valioso, e agora respondendo a outra coisa, ou seja, estas são as marcas mais valiosas da língua portuguesa. Se lerem a entrevista que dei ao *Público*, quando entrei, se algum dos Srs.

Deputados ler, vão esclarecer a maior parte das perguntas que foram feitas aqui hoje, porque já contei isto em outubro de 2020.

Isso esclarece muita coisa. Sempre acreditei que a língua portuguesa tem uma força enorme. Portugal está limitado a estes 10 milhões, que, na verdade, são 7 ou 8, mas a língua portuguesa tem uma força inacreditável em Angola, no Brasil. E foi nisto que acreditei.

E acreditei sinceramente no fundo. Acreditei, pelo projeto que me venderam que queriam fazer e em que queriam investir. Era o projeto que eu queria fazer quando entrei na Global Media, e não consegui. Admito aqui alguns fracassos, claro que sim, sou humano, não consegui fazer tudo, fiz o melhor que sabia, dei 100 %. Não saiu tão bem quanto eu achava.

Sr. Deputado, se quiser acrescentar alguma pergunta, não sei se falhei alguma coisa.

**O Sr. Presidente:** — Vamos dar a palavra agora ao Grupo Parlamentar da Iniciativa Liberal. Tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Deputada Patrícia Gilvaz.

**A Sr.<sup>a</sup> Patrícia Gilvaz (IL):** — Sr. Presidente, cumprimento as Sr.<sup>as</sup> e os Srs. Deputados. Quero agradecer ao Dr. Marco Galinha a sua presença cá para responder às nossas perguntas e dizer que, para a Iniciativa Liberal, a comunicação social, enquanto quarto poder da nossa sociedade, e de uma sociedade democrática, é fundamental para o escrutínio das instituições.

Não estamos a falar de uma empresa qualquer, estamos precisamente a falar do quarto poder. Sem empresas jornalísticas sólidas e bem geridas, esse escrutínio fica em risco. Sem jornalismo livre, independente e rigoroso, a democracia fica amputada. E por isso mesmo preocupa-nos muito a grave crise em que agora, e que não é de agora, o Global Media está envolto, visto

que a sua reputação está cada vez mais debilitada sendo que isso também é um fator bastante preocupante, e incluindo os seus títulos históricos de imprensa portuguesa, nomeadamente o *Diário de Notícias*, o *Jornal de Notícias*.

Sendo eu uma Deputada eleita pelo círculo do Porto, é com bastante tristeza que vejo o nome do *Jornal de Notícias* envolto nesta grave crise. Já para não falar de outros importantes meios de comunicação social, como a TSF, também *O Jogo*, o *Dinheiro Vivo* e o diário *Açoriano Oriental*.

Portanto, a liberdade de imprensa é um dos valores supremos da democracia liberal e também ela está sob grande ameaça quando as imprensas jornalísticas ficam à mercê de administradores incompetentes, desqualificados, dispostos a sacrificar a reputação das marcas para fins que pouco ou nada servem o serviço público, ou quando os seus gestores e acionistas mendigam por benefícios do Governo, seja a que pretexto for.

Não é grande surpresa que, para a Iniciativa Liberal, qualquer cenário de estatização das rádios e dos jornais é indefensável. Nos países onde isso existe a liberdade de imprensa desapareceu, e não é isso que nós queremos. Queremos sim verdade, queremos transparência, queremos, simplesmente, que os instrumentos legais se cumpram, porque são eles a pedra angular de qualquer Estado de direito democrático.

Nesse caso, em que se acumulam suspeitas de gestão danosa num dos mais importantes grupos jornalísticos portugueses, parece, cada vez mais consensual, que os mecanismos de regulação e de supervisão falharam. Esta regulação e supervisão compete essencialmente à ERC, uma entidade que foi criada com uma missão muito específica de credenciar títulos jornalísticos, de identificar os seus proprietários e de avaliar as condições de idoneidade dos investidores nos órgãos de informação, salvaguardando por isso dois valores

que são muito caros à Iniciativa Liberal, que são a transparência e a livre concorrência contra potenciais situações de monopólio.

Existe diversa legislação produzida na Assembleia da República para este efeito, refiro-me em especial a Lei n.º 78/2015 sobre a transparência da titularidade da gestão e dos meios de financiamento dos meios de comunicação social. E, portanto, compete à ERC, nos termos desta lei, como bem saberá, identificar percentagens de participação social e tornar claro se existem participações cruzadas noutras empresas de modo a evitar entorses à livre concorrência.

Nada disto terá sido cumprido neste processo, ao que parece, e isto põe em causa centenas de postos de trabalho, a justa remuneração dos jornalistas do GMG e a própria sobrevivência de grande parte dos títulos do Grupo. Sabe-se hoje que a ERC vai avançar com um processo administrativo contra o fundo de investimento por manter dúvidas sobre a sua propriedade, «mais vale tarde do que nunca» — esperemos que não seja tarde demais.

Em Portugal é preciso que as entidades reguladoras exerçam a sua função em vez de fingirem que a exercem e devem exercê-la com competência e com zelo. Subsistem por isso muitas incógnitas sobre o destino dos arquivos destes órgãos de informação, sobretudo do *JN* e do *DN*, com um incalculável valor histórico, e, por tudo isto, é incompreensível o facto de se ter tornado iminente a aquisição por este fundo, com tantos contornos obscuros, de uma importante parcela de capital na Lusa.

Feito este enquadramento, são várias as questões a associar às outras que já foram feitas, cujas respostas a todas elas são urgentes, apesar de sabemos que é impossível responder a todas. Desde logo, gostaria de perguntar se confirma que, quando entrou na Global, esta empresa tinha

prejuízos acumulados de 42 milhões de euros desde 2017 e uma dívida ao Estado de 10 milhões de euros.

Em agosto, tendo vendido a sua participação e gestão corrente no GMG a um fundo de investimento desconhecido, com sede nas Bahamas, pergunto se não teve curiosidade de saber quem eram os titulares deste fundo. Pergunto também, se puder especificar, como é que se desenvolveram estes contactos.

Pergunto se o processo de venda das participações à World Opportunity Fund decorreram com respeito por todas as regras e após um processo de análise de risco com as contas devidamente auditadas.

Alegando o CEO (*chief executive officer*) José Paulo Fafe que o fundo proprietário investiu aproximadamente 10 milhões de euros no GMG, como é possível que, em tão pouco tempo, depois desta aquisição, falte dinheiro para as mais elementares obrigações de tesouraria, nomeadamente para pagar salários?

Pergunto também se tem consciência de que o CEO José Paulo Fafe não cumpriu as obrigações de transparência a que a lei vincula. Há poucos dias instalou-se um conflito aberto entre os acionistas do GMG, pergunto se o Dr. Marco Galinha e os outros três demissionários acusam o fundo de incumprimento contratual. Quer detalhar esta questão, esta parte?

Acompanha as preocupações dos danos reputacionais que todo este processo tem ficado a envolver o Grupo? Pode dar alguma garantia aos trabalhadores do Grupo de que os pagamentos a que têm direito serão regularizados.

O Sr. **Presidente**: — Vamos tentar que o Dr. Marco Galinha possa responder a todas as questões que colocou. Tem a palavra.



O Sr. **Marco Galinha**: — Antes de mais, obrigado Sr. Deputada pelas perguntas.

Chamam-me doutor, mas eu não sou doutor, passei por várias universidades e escolas, mas não me tratem de doutor. Sou um *dropout* de algumas escolas, embora tenha passado para as melhores deste País e de outros.

Sr.<sup>a</sup> Deputada, foram muitas perguntas, vou tentar colaborar aqui com um tema importante. Há aqui uma situação a que tentei dar a volta nos *media*, ajudar e colaborar, que foi intervir e sensibilizar o poder político para os grandes problemas dos *media* em Portugal. Imagino que a Sr.<sup>a</sup> Deputada já tenha visto um quiosque destas bancas atribuídos em Lisboa ou no Porto e, se reparar, o quiosque que foi atribuído com a missão de vender jornais vai ver que vende tudo menos jornais.

Os quiosques não deviam ser vendidos, mas, na verdade, há um negócio debaixo da mesa de venda de quiosques que vendem tudo menos jornais. E estive com as pessoas mais importantes deste País a tentar resolver isso. Quer saber o resultado? Zero. Foi uma das razões que eu... Nas minhas empresas... Sei que o Domingos disse aqui que eu era um gestor musculado. Nós nunca andámos, vontade não me faltou, mas foi com algum respeito que nos enervámos várias vezes.

Não acontece nada! Como gestor, encontrei vários temas perigosíssimos nos *media*, mas que não afetam só o Global, afetam todos os *media* em Portugal. Quer saber quantas soluções, após ter falado com as pessoas — não vou citar aqui nomes, porque eles vão ficar envergonhadíssimos? Zero. Ninguém fez nada.

E agora há um problema a acontecer, porque a VASP está a deixar de vender jornais nos quiosques, porque não consegue ir lá a Miranda do Corvo,

porque, com a queda do papel, o prejuízo é altíssimo. É tão simples: assinaturas digitais, descontar no IRS (imposto sobre o rendimento das pessoas singulares)! E quem está preocupado com a Global Media, há soluções, olhem para o Canadá, olhem para a França, para a Bélgica.

Parece que Portugal, em algumas coisas, vai mais longe que a União Europeia. Posso citar aqui alguns casos, mas não vale a pena. Agora, vai muito mais longe que a União Europeia, mas resolver os problemas dos *media*, na verdade, ninguém os quer resolver. Sei que vende muito mais se nas capas jornais apanhar aqui o Marco Galinha, mandar aqui umas notícias por WhatsApp, umas fotografias. E, pronto, lá está o Marco Galinha com as empresas, a ouvir os colaboradores, a dar calma, mas, na verdade, há formas muito simples de ajudar os *media* em Portugal.

E deixe-me dizer aqui uma particularidade: a Global Media sempre foi o melhor saco de boxe deste País, porque é a líder incontestável da região, ainda hoje o *JN* é o jornal líder da região Norte. Mas deixe-me dizer o seguinte, que é uma coisa que me preocupa bastante, isso acontece na Global Media, mas ninguém fala nas dívidas fiscais. Quando cheguei à Global Media, recebi logo uma carta a dizer para pagar 65 milhões de euros 15 dias depois. Também foi escondida na DD (*due diligence*), que eu fiz.

Juntamente com a administração fiscal conseguimos apurar que aqueles valores não estavam assim e esse valor foi reduzido drasticamente e está a ser contestado em tribunal. Claro que muitos destes valores estão em acordos do RERE (Regime Extrajudicial de Recuperação de Empresas), como as ajudas de custo durante a pandemia. Mas há um grupo de *media* em Portugal que tem metade da nossa faturação e que tem o dobro da dívida fiscal, e que não paga salários. Mas só a Global Media que é o saco de boxe. Porquê? Porque o jornal mais lido em Portugal é o *JN*, que está em primeiro no digital.

Contem comigo para fazer parte da solução, que é resolver este tema rapidamente. Agora, e como deve imaginar, tenho contratos assinados. Como sabe o seu partido muito bem, tenho contratos assinados com uma entidade credível, e autorizada na União Europeia, que, para mim, até hoje, só demonstrou não ser credível por não ter cumprido. Há contratos assinados que eles têm de cumprir e tenho de acionar aqueles contratos. Como deve imaginar, isso já foi tudo feito.

O detalhe que posso usar é que não havia como não pagar os salários. Isto é inadmissível. Agora, mais uma vez, quero fazer parte da solução, mas é muito fácil... Uma pessoa vem com boa vontade salvar um grupo destes... Quando cheguei à Global Media, a missão foi incansável, foram muitas noites sem dormir, foi um trabalho... Mesmo o Guilherme Pinheiro, que já saiu de CFO, a quem lhe foi caindo o cabelo todo... Sei que estas pessoas passaram um trabalho completamente desumano, trabalharam 18, 19 horas por dia, para não falhar um salário aos Srs. Jornalistas. Todo o sistema financeiro...

Ninguém quer apoiar os *media* nem com 1 € — pelo menos do nosso lado —, e a empresa hoje tem zero dívida bancária. Comecei a sofrer também as consequências de fazer parte de um grupo de *media*. Todo o meu Grupo começou a ser contaminado. Qualquer coisa, há um departamento especial, houve um banco espanhol que me disse: «Ó Marco, consigo, a gente não trabalha mais, porque você é acionista de *media* e há aqui um departamento especial que analisa aqui todas estas operações. Para nós, quando vemos um acionista de *media*, desculpe lá, mas é para mandar abaixo, não o queremos como cliente.»

Isto é a situação real, se os Srs. Deputados não sabem isto, deviam saber, porque as leis e o *compliance* está tão apertado que, hoje em dia, é possível tudo, menos trabalhar e ganhar dinheiro.

Não tenho como esconder estas coisas. A minha experiência com a Global Media, como empresário, foi do mais exigente por que passei até hoje. Agora, desde que vendi, não voltei lá a entrar. A maioria das perguntas que aqui me fazem, desconheço a resposta. Vendí, de facto, da empresa. Vendí 51 %, sou minoritário, há acordos confidenciais de que eu não posso falar aqui. Os senhores iam perceber muito mais coisas, mas não quero sair daqui e ser processado.

O Sr. **Presidente**: — Vamos ouvir agora o Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português. Tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Deputada Paula Santos.

A Sr.<sup>a</sup> **Paula Santos** (PCP): — Sr. Presidente, cumprimento também Marco Galinha. Gostaria de lhe colocar um conjunto de perguntas relativamente à situação do Grupo.

Consideramos que é inaceitável a perspectiva que está colocada em cima da mesa de despedimento de cerca de 200 trabalhadores. É inaceitável o ataque que está a ser feito a estes trabalhadores nos seus direitos, nos seus salários, nos seus postos de trabalho. Mas esta é uma situação que também coloca em causa os títulos que integram o Grupo Global Media, como se conhecem hoje.

No conjunto das audições que aqui realizámos, não foram poucas as vezes em que nos disseram que estava em cima da mesa uma linha de esvaziamento das redações, de desvalorização dos títulos do Grupo. A verdade é que o Marco Galinha, já aqui referiu, é acionista também deste Grupo e, portanto, tem responsabilidades também a esse nível. Não se compreende que esteja em cima da mesa um despedimento de 200 trabalhadores e, ao mesmo tempo, esteja a contratar mais assessores.

A massa salarial de 34 pessoas contratadas nos últimos três meses representa mais de 2 milhões de euros de custos anuais. Metade desse valor está nas 12 pessoas contratadas para a administração. E há 13 dessas pessoas com salário anual acima de 85 mil euros, ou seja, mais de 6000 euros por mês. O que é que tem a dizer sobre isto?

Fez aqui diversas declarações, dizendo que está preocupado, mas a verdade é que isto está a acontecer: querem despedir trabalhadores, mas estão a contratar assessores com salários, cujos custos anuais são bem acima, e está a colocar-se em causa a vida destes trabalhadores, muitos deles com salários baixos, que não foram devidamente valorizados ao longo de todos estes anos.

Por ter responsabilidades, a pergunta deve ser feita: qual é a perspectiva de como e quando se pretende pagar os salários em atraso, o subsídio de Natal, o salário dos trabalhadores com recibos verdes?

Tivemos conhecimento de que se pretende suspender os contratos com os correspondentes em particular do *JN*. Na TSF, há um conjunto de programas que foram também suspensos. Há, de facto, uma linha de descaracterização dos atuais órgãos de comunicação social que integram o Grupo.

Há outra questão que também continuamos sem perceber. Num comunicado que se conhece, que foi tornado público, diz que não tem responsabilidade nas decisões da nova Administração. Mas foi ou não foi conivente com essas decisões? Porque é dito, por outro lado, que foi apresentado um plano de reestruturação que não se conhece — valia a pena também dizer-nos aqui em que consiste esse plano de reestruturação. Ou é um plano de reestruturação, cuja única questão, intenção que lá é colocada é o despedimento de 200 trabalhadores? Resume-se a isso, esse plano de reestruturação? Isto porque o que é público é que todos os acionistas estiveram

de acordo com o plano de reestruturação. Valia a pena clarificar, efetivamente, o posicionamento que teve relativamente a estas matérias.

Há uma questão que ainda não foi respondida nesta audição: quem está por detrás deste fundo? Quais são, de facto, as intenções deste fundo relativamente a este conjunto de títulos e aos diversos órgãos de comunicação social do Grupo Global Media? Não se conhece, não se sabe. O senhor fez referência a ele numa perspetiva de investimento, numa perspetiva de crescimento, mas o que é no concreto? Em que é que se traduz?

Nos meios de comunicação social é dito que houve um investimento de mais de 10 milhões de euros. A que corresponde esse investimento? Desde que o fundo adquiriu o Grupo Global Media, de facto, que investimento é que houve nestes meses? E como é que se traduz esse investimento? Valia a pena perceber isso, porque o senhor esteve nas negociações para este fundo adquirir o Grupo. Portanto, estes aspetos deverão ter estado presentes e esta é a pergunta que importa também aqui ser respondida.

Há outra questão que não se compreende. Referiu-nos aqui, e aliás houve também declarações sobre isso, que a situação financeira do Grupo Global Media, fazendo referência já ao início do ano de 2023, era sólida, sustentável. Como é que isto tudo se altera daqui para a frente?

Gostaríamos de perceber o que é que aconteceu para que uma situação que aqui é dita como sólida, em meia dúzia de meses, se tenha invertido e que sejam invocadas essas dificuldades financeiras para esta intenção do despedimento de cerca de 200 trabalhadores do Grupo.

Há aspetos que não são compreensíveis. Não se compreende também que um grupo com dificuldades financeiras, como é invocado pela atual Administração, tenha um perdão de parte de dívidas que, por acaso, são do

atual presidente desse mesmo Grupo. São aspetos que são contraditórios e que não se compreendem.

Não se compreende a situação que nos foi aqui transmitida, em particular, da TSF, em que, de repente, em meia dúzia de meses também, utilizando esta expressão mais ligeira, o prejuízo aumenta de uma forma significativa.

Para terminar, Sr. Presidente, deixo um último conjunto de questões. É verdade, e não há como esconder, que ao longo de todo este tempo tem havido uma delapidação do património do Grupo. Houve alienação dos edifícios. As verbas que resultaram dessa alienação onde é que estão? O arquivo do *JN*, o arquivo do *DN*, que é classificado, onde é que estão? Onde se encontra o espólio de bens, ativos, coleção de arte que o Grupo detém? Como é que é garantida a sua manutenção?

E há uma última questão que importa que seja aqui esclarecida, uma vez que o Marco Galinha é proprietário de instalações e terrenos da Naveprinter, da VASP e mantém também um conjunto de instalações que são arrendadas ao Grupo. Houve uma externalização de serviços para empresas que são detidas pelo Marco Galinha, em particular na área da contabilidade e dos recursos humanos. Tudo isto reflete uma gestão danosa no Grupo. O que é que tem a dizer relativamente a isto?

**O Sr. Presidente:** — Devolvemos a palavra ao Sr. Marco Galinha, ex-Presidente da Comissão Executiva do Grupo Global Media.

**O Sr. Marco Galinha:** — Sr.<sup>a</sup> Deputada, com o devido respeito e o enorme apreço que tenho pelo PCP, que é um partido antigo, de pessoas com palavra — pode não parecer, mas eu até gosto de ir jantar às vezes com a

família à famosa Festa do Avante!, às vezes, quase me batem quando lá entro, mas nunca aconteceu e gosto! —, mas a Sr.<sup>a</sup> Deputada disse muitas inverdades. É muito perigoso o que disse aqui hoje.

Deixe-me dizer o seguinte: não sou dono de terrenos nenhuns nem da Naveprinter. Não sei onde é que foi buscar isso. Isso é falso. Outra coisa, todos os contratos de consultadoria foram do tipo para reduzir para metade, para reduzir para um terço. Penso que a Sr.<sup>a</sup> Deputada percebe bem o que são sinergias nos grupos. Isso não se chama gestão danosa. Acredito que seja gestão danosa na Coreia do Norte, na Venezuela, para eles é gestão danosa, porque, se não for lá dos padrinhos do sistema, é gestão danosa.

O que fiz foi reduzir, repito, reduzir, salvar, reduzir, salvar. Foi só isso que foi feito, Sr.<sup>a</sup> Deputada. Não houve gestão danosa nenhuma. E muitas dessas faturas não eram, sequer, pagas.

É muito desagradável ouvir essas coisas e isso é uma inverdade tão monstruosa que é muito perigoso, porque as fontes que entregam isso à Sr.<sup>a</sup> Deputada e ao PCP são fontes perigosas, que vivem da devassa, do esquema da maledicência.

O que eu posso dizer é que investi 16 milhões de euros na Global Media Group. Acha pouco?! É que se acha pouco... Subi 150 salários na Global Media Group, porque é que ninguém cita isso aqui? Porque isso passou ao lado, isso não entusiasma qualquer investidor futuro, nem a mim, para fazer parte da salvação. Tudo de bom que aconteceu, ninguém citou aqui, e foi muita coisa.

Nós, em 15 dias, reduzimos três pisos. As rendas eram de 150 mil euros, passaram a metade, mas aí as vossas fontes não metem informação. Interessa é mandar abaixo o Marco Galinha, que começou a trabalhar aos 12 anos, andou nas escolas. Em 20 anos não fiz um dia de férias e não tenho vergonha



nenhuma de dizer isso. Fiz agricultura, sei fazer muitas coisas que muitos de vocês não imaginam, mesmo na agricultura.

Agora, enerva-me porque me entreguei a esta situação. Entreguei-me e eu e uma equipa brilhante de gente séria subimos salários. Mas o que saiu sempre foi o contrário.

Bom, deixe-me tentar ajudar outra coisa: a Sr.<sup>a</sup> Deputada tem de fazer perguntas... não estou na gestão executiva, no aspeto... Fiquei com a responsabilidade do espólio e gostava que ficasse aqui o convite para os Srs. Deputados o visitarem.

Sei que fica bem dizer isto na televisão e que saem jornais, fica bem criar essa especulação. Mas querem visitá-lo ou não? Já estive lá uma ex-Ministra da Cultura, já estiveram lá pessoas com grandes responsabilidades em Portugal a visitar o espólio. Está armazenado nas melhores condições. Tenho dúvidas de que na Europa haja melhores condições do que aquelas. Fica aqui o convite.

Mas interessa à maledicência licença dizer que aquilo está em risco e que se andou a vender quadros na candonga. Não. Respeito! Já perdi o meu pai, o espólio está a ser tratado como se fosse o meu pai que eu perdi, com um respeito enorme. Penso que imaginam o que isto é.

O espólio está disponível. Se eu encontrar uma situação de seriedade, porque aquilo é tesouro nacional, há legislação para o proteger...Eu não queria que o espólio ficasse nas mãos de um fundo estrangeiro, como deve imaginar. Eu acautelei e salvaguardei estes interesses pelos interesses do País.

Andei mais de 30 vezes com a camisola da seleção nacional, mais de 30 vezes. Os meus filhos fizeram o Colégio Militar. Seis anos, sete anos a levantar cedo, a ouvir o hino, onde quer que fosse. Não ando aqui a fazer truques. Sei que fica bem nos jornais passar essa coisa e contar uma história.

Foi melhor do que qualquer licenciatura o que eu tirei neste grupo de *media*. Eu aprendi tanto. Porque aprendi também que há interesses extremistas em destruir a reputação dos empresários deste País, monopolizando a informação dos jornais. E isso tem um nome, mas não é para aqui chamado. Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — A Sr.<sup>a</sup> Deputada Inês de Sousa Real, do PAN, tem a palavra também para colocar as questões que entender durante os próximos 5 minutos.

A Sr.<sup>a</sup> **Inês de Sousa Real** (PAN): — Sr. Presidente, cumprimento as Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, a comunicação social aqui presente e o Sr. Marco Galinha.

Sr. Marco Galinha, estava a ouvi-lo, aliás, estive a ouvi-lo também na sua intervenção inicial, e gostaria de começar pelas suas palavras. Disse, há pouco, que havia muitas formas de ajudar os *media* em Portugal, mas eu confesso que não me parece que uma forma de ajudar os *media* em Portugal seja delapidando empresas históricas no nosso País.

Referiu que investiu 16 milhões de euros na Global Media, penso que estou a ser precisa e que não estou a faltar com a verba que mencionou, mas não referiu o que é que foi feito aos 1100 milhões de euros que o Estado deu durante a pandemia para ajudar. Foi o quarto grupo mais ajudado durante a pandemia, e seria importante perceber onde é que foi parar esta verba, onde é que está este dinheiro que serviu para ajudar. Terá certamente a oportunidade, a seguir, de me responder.

Gostaria de reafirmar também que o PAN está totalmente solidário com os trabalhadores deste Grupo. O que está neste momento a acontecer com a

falta de pagamento dos salários, com a falta de pagamento também do valor, neste caso, do subsídio de Natal e até das horas suplementares é absolutamente inaceitável.

Também o ouvimos aqui dizer que o *JN* era o jornal mais vendido. Como é que o jornal mais vendido, depois, não dá lucro? É que, de facto, é bastante incoerente. Como é que temos ativos históricos no âmbito da imprensa no nosso País que vendem e que depois não dão lucro? Como é que temos património histórico que também foi vendido e cujo dinheiro também não serviu para investimento?

Ouvimo-lo inclusivamente falar no seu percurso e não posso deixar, evidentemente, de dizer que se, de facto, subiu a pulso na sua vida, e só podemos reconhecer isso, então, deveria ter uma visão de investimento que desse lucro para a empresa e não prejuízo. Portanto, há aqui uma incoerência que fica por explicar.

Quanto à questão da intervenção da ERC, lamentamos que só agora esteja a intervir e a invocar o artigo 14.º para que haja aqui um princípio de transparência, tendo em conta as várias operações que estão em curso, nomeadamente as dúvidas sobre os detentores do World Opportunity Fund. Isto porque existem aqui participações que têm sido qualificadas no âmbito da lei da transparência, falamos de 5 %, ou mais, do capital social e dos direitos de voto deste Grupo. Mas há uma pergunta que tenho de lhe fazer: o Sr. Marco Galinha tem algum tipo de capital na World Opportunity Fund? Tem algum tipo de gestão neste fundo?

É que seria importante saber, já falou noutras empresas, mas pergunto-lhe diretamente se, neste fundo em concreto, detém ou não capital ou se tem alguma intervenção. Gostaria mesmo que nos respondesse a esta questão.

Depois, em relação às as opções do ponto de vista da estratégia da requalificação das empresas, sabemos que no caso dos salários dos trabalhadores da TSF — e há 20 anos que não existe nenhum aumento salarial no caso dos trabalhadores da TSF! — se comprometeu com um aumento. Pergunto-lhe se se arrepende por se ter comprometido com este aumento, que inclusivamente foi negociado não na perspectiva do que os trabalhadores tinham pedido, dos 8 %, mas ficou num acordo de 4 %.

Não existia há 20 anos este tipo de acordo e, portanto, tendo em conta até as comunicações e as intenções de negociação de que falou para garantir a paz social da empresa, que ficaram muito aquém daquilo que eram as reivindicações dos trabalhadores, e tendo em conta a própria inflação que ocorreu, entretanto, no nosso País, pergunto se se arrepende de ter prometido este aumento em prol da paz social.

Por outro lado, quando o senhor entrou na Global Media, a ERC tinha dado autorização para a aquisição da propriedade do *DN*, em 2020. Disse que a empresa estava sujeita a obrigações de pluralismo e diversidade e que essas obrigações implicavam o respeito pelos próprios jornalistas e a contratação de novos profissionais. Ora, assistimos agora ao despedimento e, como já aqui foi referido, à contratação de assessorias ou parcerias com outras as empresas, nomeadamente, e alegadamente, com a CNN.

Pergunto-lhe se, efetivamente, é isso que está a acontecer, se sabe ou tem conhecimento de que se vislumbra aqui alguma hipótese de acordo com outro grupo para que haja aqui a aquisição da empresa e se a reestruturação vai passar por este tipo de parcerias que põem em causa por um lado os postos de trabalho e o recurso a outros ativos, nomeadamente a outros profissionais que não honram este compromisso assumido junto da ERC, e se sente confortável com uma eventual violação de tais compromissos.

Em terceiro lugar, o Sr. José Paulo Fafe, que esteve fora do negócio dos *media* desde 1999, regressou passados 20 anos e refundou o jornal *Tal & Qual*, enquanto administrador, que, segundo os dados disponíveis na ERC, tinha tido um resultado negativo. O que pergunto é: o Sr. Marco Galinha que papel é que teve na refundação do jornal *Tal & Qual*, em particular, com a empresa Parem as Máquinas? Mais do que isso, pergunto se acha que alguém que teve resultados negativos num jornal de 6000 leitores tem idoneidade para administrar um grupo como a Global Media?

É porque, normalmente, costuma dizer-se que em equipa que ganha não se mexe, mas a equipa que perde promover-se?! Há, de facto, aqui alguma coisa que não bate certo nesta opção, tendo em conta que integra o *Jornal de Notícias* que tem uma audiência de mais de 379 000 leitores, ou seja, 63 vezes mais que o *Tal & Qual*, e que estamos a falar claramente de um currículo que não nos parece que tivesse a qualificação para poder, de alguma forma, assumir estas funções.

Mesmo só para terminar, Sr. Presidente, em relação à alteração do domínio dos operadores da rádio que foi autorizada pela ERC, a ERC, já no processo que abriu, vai investigar esta questão, pergunto-lhe se confirma que houve, ou não, alguma alteração na estrutura da propriedade através da entrada do acionista do WOF.

O Sr. **Presidente**: — Devolvemos a palavra ao ex-Presidente da Comissão Executiva do Grupo Global Media, Marco Galinha.

O Sr. **Marco Galinha**: — Ó Sr.<sup>a</sup> Deputada, com enorme respeito, obrigado pelas suas perguntas.

Vi que entrou um pouco tarde, mas olhe que 1100 milhões de euros nunca houve em lado nenhum em Portugal. Não sei onde é que foi buscar esse número, mas esses 1100 milhões de euros não existem em lado nenhum. Esse é um número que está com uma margem de erro parecida com algumas das suas observações, acima de mil vezes.

Como deve imaginar, a empresa foi vendida. Compreendo as suas perguntas, sou é pessoa errada para as estar a fazer, Sr.<sup>a</sup> Deputada. Tenho enorme respeito pelo PAN, mas não sou a pessoa para responder às perguntas que está a fazer. Eu vendi a empresa. Desde que vendi não voltei a entrar na Global Media.

Há um período de transição em que apoiei ao máximo as equipas para que isto corresse bem. Pelos vistos, não correu, mas esforcei para que isto corresse bem.

Sobre o plano de reestruturação, a Sr.<sup>a</sup> Deputada disse outra coisa de que tenho sérias dúvidas que seja verdade. Os salários da TSF não subiram?! Nós subimos 150 salários dos mais baixos. Portanto, se não subiram os da TSF, é porque não havia salários nos 150 mais baixos.

E deixe-me dizer outra coisa: quando eu entrei na Global, dois meses antes, saiu o salário mais alto, que era à volta de 50 000 € por mês — imagino que nesta Casa ninguém ganhe 50 000 € por mês! —, compensações milionárias, coisas de outro mundo. Mas já não fui eu, porque, de facto, esta casa tinha problemas sérios que se aproveitavam das marcas que têm enorme valor.

Se há muita gente que acha que isto está a afetar, e está, a reputação, mas em termos digitais, e a Sr.<sup>a</sup> Deputada diz e bem, eu disse que estamos a bater recordes. Estamos a bater recordes no digital, não na venda do papel. Eu não queria deixar aqui essa confusão. Nós no digital, o *JN*, de facto ... E

quando digo nós é porque ainda sou acionista minoritário e sinto-me a querer... Todos os dias leio aqueles jornais, sinto-me parte deste projeto, que é a liberdade de expressão.

Agora, infelizmente, isto não é um mar de rosas, a situação está muito difícil e os Srs. Deputados sabem bem. Fez-se uma lei nesta Casa para não se poder vender jornais durante a pandemia. E fez-se alguma lei para os ajudar? É a minha pergunta, que eu gostava que ficasse aqui esclarecida. Não se podiam vender jornais, mas fez-se alguma lei para apoiar? Eu acho que não.

E isto criou uma gestão tão pressionada, e a ajuda dos *media* foi tão pequena, tão pequena, Sr.<sup>a</sup> Deputada, e toda a gente fala nisso, que não dá vontade sequer de receber ajuda nunca mais, pelo ruído que isso causou.

As únicas ajudas possíveis, no meu entendimento, são: resolvam a razão dos quiosques. Ajudem os *media* em Portugal. Criar um mecanismo de assinaturas digitais para poupar no IRS? Não sei. Isto não é só para ajudar a Global, é para ajudar os *media*. Tenho a certeza de que vêm outros grupos atrás.

Uma coisa é os Srs. Deputados anteciparem-se e outra coisa é andarmos a correr atrás de prejuízo. Tenho as minhas sérias dúvidas de que a Global seja o pior deles. A Global não tem zero dívida bancária. Sou um defensor da Global. Não desvalorizo as minhas empresas.

A Global tem um enorme potencial? Tem sim, senhor. A Global é das marcas mais respeitadas do mundo da língua portuguesa. São as mais antigas. Tem entrevistas com presidentes de vários países, desde a China, desde o Mussolini — que não é exemplo nenhum. Tem cartas, tem coisas incríveis.

Aquele espólio faz parte de uma coisa muito para além do que nós aqui nesta sala possamos nos imaginar. E não se esqueçam que deixei o convite

para o visitarem. Agora, o que posso dizer é que a gestão está indicada pelo fundo. A gestão está indicada. Eu gostava muito de vos ajudar.

A Sr.<sup>a</sup> **Inês de Sousa Real** (PAN): — Tem alguma participação?

O Sr. **Marco Galinha**: — Zero. Ó Sr.<sup>a</sup> Deputada, cuidado com as suas fontes. Sei que fica mal em Portugal ter sucesso. Se estivesse nos Estados Unidos, um tipo ali perto da Serra dos Candeeiros, estar a crescer e andar para a frente... Sei que fica muito mal, sofro muito com isso.

Não tenho! Zero. Nunca tive uma conta *offshore*. Nunca tive nada disso. Nunca tive dinheiro em lado nenhum. Nunca recebi 1 € da Rússia, do Cazaquistão, da Ucrânia. Zero, Sr.<sup>a</sup> Deputada. Foi tudo aqui em Portugal a trabalhar, a lutar, a pagar os meus impostos e com uma enorme honra e orgulho neste País e nos portugueses também.

O Sr. **Presidente**: —A Sr.<sup>a</sup> Deputada Inês de Sousa Real pede a palavra para que efeito?

A Sr.<sup>a</sup> **Inês de Sousa Real** (PAN): — É só mesmo para retificar, porque efetivamente eu tive um lapso num valor, é 1 milhão e 10<sup>o</sup> e não 1000 milhões. Queria só para retificar esse valor.

O Sr. **Presidente**: — Vamos concluir esta primeira ronda com a nova intervenção do grupo parlamentar requerente desta audição.

Devolvo a palavra ao Grupo Parlamentar do Bloco de Esquerda e à Sr.<sup>a</sup> Deputada Joana Mortágua, por 2 minutos.



A Sr.<sup>a</sup> **Joana Mortágua** (BE): — Sr. Presidente, o Sr. Administrador, Marco Galinha vem contar histórias ao Parlamento, beneficiando do facto de não estar numa comissão de inquérito.

Gostaria de lembrá-lo apenas de que poderá vir a estar numa comissão de inquérito e talvez valha a pena lembrar-se disso quando agora responde ou não responde às nossas perguntas.

O Sr. Marco Galinha disse que não queria deixar que o espólio ficasse com um fundo internacional, não queria que a Lusa fosse parar a um fundo estrangeiro, mas a verdade é que tudo isto foi parar a um fundo estrangeiro vendido pelo senhor. O que lhe pergunto é quem é este fundo estrangeiro? Quem é o beneficiário último do fundo estrangeiro? Onde é que isto foi negociado? O dinheiro é brasileiro? Quem é que são os intermediários? Quem são os advogados?

Disse-se surpreendido pela nomeação de José Paulo Fafe, mas foi Marco Galinha que foi buscar José Paulo Fafe para o *Tal & Qual*, ainda não se sabe bem com que projeto. Para ganhar dinheiro não foi. Quem é que financiou o *Tal & Qual* durante este período em que deu prejuízo? Quem é que se lembrou de ir buscar José Paulo Fafe para ir agora dirigir o Grupo?

Marco Galinha ainda é da Comissão Executiva, ainda pertence aos órgãos todos da Administração do Grupo. O que é que tem a dizer ao facto de haver 35 novas contratações ao mesmo tempo que são despedidos correspondentes do *JN* e se põe em causa aquilo que o Administrador Marco Galinha diz ser a maior marca e o maior valor do Grupo, que é o *JN*? Enquanto Administrador, o que é que diz sobre isso?

E, por último, sobre o Grupo Bel, disse aqui que o espólio saiu da cave para armazéns do melhor que há. De quem é que são esses armazéns e quanto é que o Grupo Bel recebe para ter lá o espólio da Global Media?

Disse que Domingos Andrade, afinal, não ficou um hotel, foi para uma casa arrendada para poupar dinheiro ao Grupo. De quem era a casa arrendada? A quem é que se pagava essa casa arrendada? Quanto em fornecimento de serviços e em ativos, é que passou da Global Media para o Grupo Bel, ao longo deste tempo?

Dos empréstimos que os sócios fizeram ao Grupo, a quanto é que foi remunerado na devolução, se é que ela existiu, de 7 milhões de euros, aqui há um ou dois anos — agora não consigo, não tenho aqui o número? Estou apenas a recordar algumas das perguntas que fiz no início.

O Sr. **Presidente**: — Muito obrigado, Sr.<sup>a</sup> Deputada Joana Mortágua.

A Sr.<sup>a</sup> **Joana Mortágua** (BE): — Sr. Presidente, peço um ponto de ordem à Mesa. Sei que, provavelmente, muitos de nós temos estado a receber a mesma indicação de que há cortes na transmissão em direto. Não sei até que ponto, do ponto de vista técnico, é possível melhorar, porque há naturalmente muitas pessoas interessadas em seguir a audição.

O Sr. **Presidente**: — Então, sou o único que não recebi mensagem dos cortes, mas peço aos serviços para verificarem essa situação.

Todos nós temos noção da oportunidade e do interesse com que este tema está a ser seguido.

Bem, nós vamos encerrar a primeira ronda — já perguntarei se haverá a segunda ronda ou não. Devolvo a palavra ao Sr. Marco Galinha para responder a estas questões ou também para colocar fim à sua intervenção, caso queira fazer uma conclusão desta audição.

O Sr. **Marco Galinha**: — Muito obrigado, Sr.<sup>a</sup> Deputada, pelas suas perguntas. Quando falou em cortes de emissão, só faltou perguntar se eu sou o responsável.

Eu esperei seriamente que as perguntas que fez...

*Protestos da Deputada do BE Joana Mortágua.*

Pronto, *ok*.

Sr.<sup>a</sup> Deputada, não se esqueça que eu sei que gosta de ficar bem na televisão, mas foi convidada aqui para visitar o espólio.

Foi tudo a cortar os cujos, Sr.<sup>a</sup> Deputada. Está enganada com as suas fontes. Se quiser falar comigo sobre algum tema da Global, tenho toda a disponibilidade para falar consigo. Agora, sei que fica bem, gosta de aparecer nos jornais e estas coisas... Ó Sr.<sup>a</sup> Deputada, eu conheço bem este meio! Comigo, não passa, sabe? E a Sr.<sup>a</sup> Deputada também não me mete medo com comissão nenhuma de inquérito, sabe? Porque não é a Sr.<sup>a</sup> Deputada que decide.

Este País ainda tem maiorias, tem partidos que apreciam o trabalho dos empresários e que levam as coisas em frente. Este País, pelo que sei, ainda não é dirigido pelo Bloco de Esquerda, ao contrário de alguns *media*, Sr.<sup>a</sup> Deputada.

E olhe que sei que alguns Deputados recebiam dinheiro, recebiam transferências bancárias. E eu não quis pagar e comecei a ser atacado neste País como nunca; fui ameaçado, até internamente, com *e-mails* a dizer: «Marco, não faça isso, não pare de pagar essas pessoas, porque se para de pagar, até a sua vida está em risco.» Foi isto que me disseram.

Não tenho medo, Sr.<sup>a</sup> Deputada. Como deve imaginar, não tenho medo de nada. E, enquanto houver juízes em Berlim, tenho o maior gosto em prestar esclarecimentos neste País, porque acredito na justiça portuguesa. Não tenho medo nem de truques, nem de ameaças — comigo isso não passa, Sr.<sup>a</sup> Deputada.

Foi sempre a poupar — respondendo bem, Sr.<sup>a</sup> Deputada — sempre a poupar.

Quanto aos ativos que passaram para o Grupo Bel, Sr.<sup>a</sup> Deputada, imagine, por exemplo, que sou dono... Eu só tinha 40 % da empresa, era minoritário. Quem mandava eram os outros 60 %. Então, eu agora, com 40 %, digo: quero comprar um ativo! Isto é assim?! Quer dizer, na Coreia do Norte é assim que se faz, mas aqui não! E mais com acionistas internacionais, em que havia suspeições, com um angolano. Houve sempre suspeições na Global. E agora infelizmente montou-se novamente aqui uma coisa que só está a desvalorizar a Global.

Ó Sr.<sup>a</sup> Deputada, o que lhe posso garantir é que foi sempre a poupar. Quem financiou o *Tal & Qual*? Pergunto-lhe a si, que saberá melhor do que eu. Não me admiro nada que...

Ó Sr.<sup>a</sup> Deputada, sinceramente, por tudo o que é sagrado, se me faz essa pergunta, devolvo-lha. O *Tal & Qual*?! O *Tal & Qual* foi uma forma de entrar alguma receita na Global. Tenho zero a ver com qualquer *Tal & Qual*. Quem financia o *Tal & Qual*?! O *Tal & Qual* foi para entrarem uns tostões na Global. E havia uma dívida do passado, que foi lembrada à última hora, que tenho a certeza de que já devia estar prescrita — não tenho a certeza absoluta —, mas conseguimos ir buscar mais 20 000 €.

Mas sei que o que passa bem é o teatro que se monta aqui, porque: «Vamos tentar, como estamos à beira das eleições, ganhar mais uns votos.»

Mas enfim, acredito que sim. Da minha parte, conto com a verdade e, Sr.<sup>a</sup> Deputada, não tenho medo. Andei pelo mundo com a camisola da seleção e não tenho medo, Sr.<sup>a</sup> Deputada. Não tenho!

O medo ameaça um empresário, o medo é receio. O que preciso é de esperança e a esperança, aqui, é que se resolva o problema dos colaboradores, que devia ser a maior preocupação da Sr.<sup>a</sup> Deputada.

Mas estou aqui para responder, não é para fazer observações, e peço desculpa por isso.

O Sr. **Presidente**: — Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, chegamos ao fim da primeira ronda. A grelha de tempos prevê uma segunda ronda, com dois minutos para cada grupo parlamentar e com resposta coletiva, digamos assim, da parte do Sr. Marco Galinha. Pergunto se algum grupo parlamentar...

Sr.<sup>a</sup> Deputada Joana Mortágua, tem a palavra.

A Sr.<sup>a</sup> **Joana Mortágua** (BE): — Só para dizer que sim, vamos à segunda ronda.

O Sr. **Presidente**: — Muito bem, vamos continuar a nossa audição.

Cada grupo parlamentar tem 2 minutos para colocar as questões que entender. A resposta será no final da intervenção de todos os grupos parlamentares e será em conjunto, com o tempo proporcional a cada grupo parlamentar.

Começa o Grupo Parlamentar do PSD, na qualidade de maior grupo parlamentar da oposição, tendo a palavra a Sr.<sup>a</sup> Deputada Fernanda Velez.

A Sr.<sup>a</sup> **Fernanda Velez** (PSD): — Sr. Presidente, quero agradecer ao Sr. Marco Galinha os esclarecimentos que nos prestou nesta audição.

Queria apenas que tentasse responder de uma forma mais clara a uma questão que colocámos na primeira ronda e cuja resposta não ficou bem clara para nós, que tem a ver com o plano de reestruturação que o GMG pretende implementar. Pergunto, nomeadamente, se nos pode adiantar quais as medidas previstas e quando vai ser implementado esse plano de reestruturação.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra, pelo Grupo Parlamentar do Partido Socialista, também durante dois minutos, a Sr.<sup>a</sup> Deputada Mara Lagriminha.

A Sr.<sup>a</sup> **Mara Lagriminha Coelho** (PS): — Sr. Presidente, aproveito para voltar a cumprimentar o Sr. Marco Galinha.

Vou ser muito breve, porque na nossa primeira intervenção e, de facto, ao longo desta audição, creio que ficou uma dúvida por esclarecer e creio que vamos sair daqui todos novamente sem saber: com quem é que negociou o fundo, de facto? Que participações conhece nesse fundo? E assegurou ou não a idoneidade do fundo? Acho que é a grande questão desta audição.

Tinha deixado a questão da Lusa, porque acho que também é relevante. Do lado do Estado português, pretendíamos que o Estado pudesse vir a assumir uma posição mais significativa na estrutura acionista da Lusa, de forma também a preservar a autonomia desta agência — e sei que fez, inclusive, declarações no sentido da necessidade e da preocupação de que a Lusa estivesse nas mãos de capitais estrangeiros —, portanto, tal operação tinha um propósito estratégico, como já várias vezes foi dito, quer por nós, quer pelo Governo. Mas, como é evidente, e isso também já é público, até o Ministério da Cultura emitiu um comunicado, essa operação não podia ser

encarada como a solução para problemas de tesouraria de curto prazo, eventualmente enfrentados por um novo acionista.

Portanto, a minha última questão é muito simples: é ou não verdade que a inviabilidade do negócio põe em causa a situação financeira do Grupo? E por que razão se queria vender a participação na Lusa — algo que também sabemos ser inédito?

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra, do Grupo Parlamentar do Chega, Sr. Deputado Jorge Galveias.

O Sr. **Jorge Galveias** (CH): — Sr. Presidente, Sr. Marco Galinha, faço três questões rápidas.

Põe o senhor a hipótese de renegociar o GMG com o World Opportunity Fund e tentar resolver os problemas dos órgãos de comunicação social em questão?

Tem alguma proposta de solução para resolver o problema do despedimento coletivo — ou seja, logicamente, solução particular, privada? Não sei exatamente como o poderá fazer.

E, por fim, afirmou que fez, ou teria feito, pagamentos a pessoas ligadas à política e que foi ameaçado se deixasse de fazer esses pagamentos. Pode informar-nos sobre quem são essas pessoas, ou empresas, ou partidos?

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra, do Grupo Parlamentar da Iniciativa Liberal, a Sr.<sup>a</sup> Deputada Patrícia Gilvaz.

A Sr.<sup>a</sup> **Patrícia Gilvaz** (IL): — Além de reforçar as perguntas que já foram feitas relativamente à cara por detrás do fundo, de que tanto se tem

falado nesta e noutras audições, queria também reiterar a minha pergunta, que não foi respondida há pouco, relativamente ao incumprimento das obrigações legais de transparência a que a lei vincula; e também perguntar, já numa nova abordagem, se havia uma expectativa de venda ao Estado, através do Ministério da Cultura, de 45,7 % da participação que a Global Media e a Páginas Civilizadas têm da Lusa.

Queria perguntar como é que foi o diálogo com o Sr. Ministro da Cultura relativamente a este tema. Que preço se tinha em vista para esta venda? O que fez inviabilizar este acordo? É verdade que este negócio, a concretizar-se, iria representar um perdão de dívida, uma vez que a Global há vários anos não cumpre com as suas obrigações financeiras como acionista minoritária da Lusa?

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra, do Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português, a Sr.<sup>a</sup> Deputada Paula Santos.

A Sr.<sup>a</sup> **Paula Santos** (PCP): — Sr. Presidente, não posso deixar de referir o seguinte: a sua intervenção e o facto de não ter respondido às perguntas que lhe foram dirigidas e de ter procurado, até, apoucar quem lhe fez as ditas perguntas só revelam um grande incómodo relativamente a esta matéria.

Disse, ainda há pouco, que estava aqui para prestar esclarecimentos, mas a verdade é que se tem recusado a prestá-los. Há um conjunto de perguntas que lhe foram dirigidas sobre a situação do nosso País — não estamos a falar de outras geografias do mundo, também podemos falar, se bem entender — a que não respondeu. Estamos a falar sobre 200 trabalhadores que estão na iminência de ser despedidos, estamos a falar de trabalhadores que



não recebem os seus salários, estamos a falar com uma pessoa que é acionista de um grupo e que tem também responsabilidades nesse Grupo, enquanto acionista, ou não tem?

É nesse contexto que lhe estamos a dirigir essas perguntas, e quem se lhe está a dirigir é a Assembleia da República. Todos nós aqui fomos eleitos e é a Assembleia da República que lhe está a dirigir essas perguntas. Portanto, só posso considerar a sua não-resposta como uma desconsideração pela Assembleia da República, não o posso entender de outra maneira.

O que queria perguntar — aliás, já aqui fizemos diversas perguntas, e creio que todas elas são legítimas — sobre o fundo é: de quem é a propriedade? Que investimentos, de acordo com o que é dito, é que foram então feitos? Onde é que isso se traduz no concreto?

São perguntas concretas e que não têm tido respostas concretas. As respostas que tivemos não permitem perceber como é que se chegou até aqui, não permitem perceber como é que se faz, e fez, referência aos títulos e à importância desses títulos, mas os responsáveis pela desvalorização dos títulos são os acionistas do Grupo; são eles que estão a ser responsáveis pela situação e pela preocupação que aqui diz ter. Portanto, estas são questões para as quais é necessário ter respostas.

Referiu aqui que o fundo não está a cumprir com as suas obrigações. Que obrigações foram essas que foram assumidas e que não estão a ser cumpridas? É uma pergunta concreta. Não foi respondida.

Precisamos de saber sobre essas obrigações para se perceber, de facto, qual é a estratégia, qual é a perspetiva relativamente a este conjunto de órgãos de comunicação social e, mais preocupante e mais importante do que isso, qual é a perspetiva dos trabalhadores do Grupo Global Media.

Aquilo que aqui defendemos — já expressámos a nossa solidariedade e temos intervindo no sentido de garantir todos os seus direitos — e a questão que aqui se coloca é a da salvaguarda dos seus postos de trabalho.

O Sr. **Presidente**: — Sr.<sup>a</sup> Deputada, tem de concluir.

A Sr.<sup>a</sup> **Paula Santos** (PCP): — Vou mesmo terminar, Sr. Presidente. Como dizia, a questão que se coloca é a da garantia de que todos estes trabalhadores têm os seus direitos assegurados e que as suas vidas não estão postas em causa. É esta, no fundo, a intervenção do PCP.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sr.<sup>a</sup> Deputada Joana Mortágua, Vice-Presidente desta Comissão, do Grupo Parlamentar do Bloco de Esquerda.

A Sr.<sup>a</sup> **Joana Mortágua** (BE): — O Sr. Administrador Marco Galinha disse-me há pouco: «conte com a verdade.» E eu não conto com nada mais do que isso: a verdade.

Portanto, pergunto-lhe: com quem é que negociou a entrada do fundo no capital da Global Media? Quem é que foram os intermediários? O capital é brasileiro? Luís Bernardo teve alguma intervenção nessa negociação? Há ou não participação de Daniel Dantas nesse fundo? E se não, por que razão é que não divulga a origem do fundo? Quem é que participa? Quem é que beneficia? Com quem é que negociou? O que é que a verdade tem que a torna tão difícil de ser explicitada? O que é que o assusta? O que é que o leva a não querer divulgar, ou a não querer explicitar, a verdade sobre o fundo que aqui está,

quando foi próprio administrador Marco Galinha que disse que vinha cá falar verdade?

Faço ainda duas perguntas muito rápidas.

Quando nos convida para visitar o espólio, pergunto se ele ainda está nos armazéns da Turquel — se é lá que ele está — e em que condições, se está seguro e, como aliás disse, com todos os requisitos, digamos assim, legais em ordem.

E deixo uma última pergunta. Quando o artigo 14.º for acionado e a participação do fundo for suspensa, Marco Galinha volta a ser um dos principais acionistas do Grupo com responsabilidade de administração. O que é que vai fazer nessa altura?

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra também a Sr.ª Deputada do PAN, Inês de Sousa Real.

A Sr.ª **Inês de Sousa Real** (PAN): — Sr. Presidente, Sr. Marco Galinha, há pouco ficaram algumas questões por responder, nomeadamente no que diz respeito às transmissões.

Gostaria de reiterar a pergunta: confirma a existência de uma alteração de domínio dos operadores de rádio, neste caso não autorizada pela ERC, com a entrada da acionista WOF na propriedade do Grupo Global Media?

Como sabemos, este é um dos ativos do Grupo e, portanto, seria importante perceber.

Não podemos falar apenas de espólio patrimonial, porque além de todo o património, quer edificado, quer o demais património — inclusivamente ao nível da arte — que existia no Grupo, é fundamental perceber que as linhas

transmissoras são também uma mais-valia em termos estratégicos para este Grupo. Portanto, gostaríamos que nos esclarecesse em relação a isto.

Ainda em relação aos trabalhadores e aos aumentos que mencionou, disse que tinham existido aumentos no grupo da TSF. Acontece que estes aumentos não foram generalizados, não correspondem ao acordo feito nas negociações, nomeadamente até mesmo em 23 de junho, com o Sindicato dos Jornalistas e também com o Sindicato dos Trabalhadores de Telecomunicações e Comunicações Audiovisuais, tão-pouco em termos percentuais.

Já agora, aproveitaríamos a sua presença aqui para que nos dissesse qual a percentagem de trabalhadores com os salários mais baixos. Não estamos a falar do nível da direção, porque, como sabemos, se formos fazer a média destes aumentos e se incluirmos os cargos de direção, aí, o resultado será completamente diferente do real impacto que estes aumentos possam ter tido no Grupo em relação aos trabalhadores que efetivamente recebem menos.

Pergunto ainda se, apesar de já não estar em funções, tem conhecimento sobre se existem ou não condições e se está a ser pensada alguma estratégia para que, efetivamente, estes trabalhadores sejam pagos, tendo em conta já o que está em falta ao nível dos salários, ao nível também dos subsídios de Natal e inclusivamente das horas suplementares.

Isto porque temos trabalhadores que, neste momento, não estão a receber qualquer outro valor além do subsídio de refeição, não estão a receber estão a pagar para trabalhar — aliás, não têm sequer dinheiro para ir trabalhar —, já para não falar daqueles que possam pertencer ao mesmo agregado familiar, sendo que poderemos ter uma família inteira afetada por esta falta de pagamentos.

O Sr. **Presidente**: — O Sr. Marco Galinha tem até 14 minutos para responder às questões dos diversos grupos parlamentares e poderá geri-los como entender, digamos assim. Lembro que a Sr.<sup>a</sup> Ministra do Trabalho e da Segurança Social vai ser ouvida também nesta Comissão sobre este mesmo tema e já está à nossa espera.

Dou, então, a palavra ao Sr. Marco Galinha, na qualidade ex-Presidente da Comissão Executiva do Grupo Global Media.

O Sr. **Marco Galinha**: — Muito obrigado, Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados pelas perguntas que fizeram.

Se vocês tiverem tempo, esclareço tudo, mas estou aqui sozinho, cada um de vocês manda 5, 10 perguntas e não é fácil...! Por acaso, quero dizer que a Sr.<sup>a</sup> Deputada Joana Mortágua fez um trabalho que eu aprecio, e, se me derem tempo, dou aqui uma enorme ajuda, Sr.<sup>a</sup> Deputada.

Mas não é com teorias de Turquel... Aliás, se quiser ir comigo um dia a Turquel ver o espólio vai gostar. As condições são das melhores que há. A renda deve estar em 1000/1500 €... Se calhar, aqui em Lisboa estava por 5000 €. Tudo a poupar, Sr.<sup>a</sup> Deputada. Só assim se fez aquele excelente resultado da Global Media e chegámos ao EBIDTA positivo, Sr.<sup>a</sup> Deputada. Eu sei que isso para muita gente não interessa, mas o importante aqui é mandar abaixo um empresário, na sua perspetiva, percebo eu.

Ajudar a Lusa é ajudar Portugal. O tema da Lusa... Havia, de facto, um mecanismo de ajudar todos os *media* em Portugal e havia contratos trocados por *e-mail*, havia reuniões marcadas com as pessoas mais importantes deste País, que representam o Estado, técnicos de carreira, bem formados — também é verdade que senti isso. Estava tudo combinado e tudo fechado e, de um momento para o outro, tudo caiu... E isto ia ajudar...

Eu percebi, pelas declarações do Sr. Ministro, que isto era um mecanismo para ajudar todos os *media*. Mas eu estou habituado à gestão empresarial não é à gestão política. Se estava tudo fechado, porque é que se cancelou? Se estavam de acordo...?

Eu vi uma assinatura digital de secretários de Estado ou de ministros, agora não me recordo exatamente, se estava tudo fechado, então, porque é que se cancelou? Mas isto não é um país...?! Claro que isso pôs em causa vários problemas, logo a seguir, porque estes fundos investem...

E, volto a repetir, eu não conheço ninguém deste fundo... Se é um fundo, imagine, com 100 000 subscritores, com mais de 30 000 milhões de euros, ao que apurei, tem contas auditadas pela Deloitte, que estão no *site* do banco, da UCAP (Union Capital Group), ou lá como é que se chama, estão lá as auditorias, podem pesquisar... Eu lidei com os representantes do fundo, e é sempre assim...

A Sr.<sup>a</sup> **Joana Mortágua** (BE): — Mas quem são?

O Sr. **Marco Galinha**: — Quem são? Um escritório de advogados, o segundo maior escritório... Neste caso, foi o Dr. José Leitão, da MdME, é o segundo maior escritório de Macau... Foram os representantes do fundo. Eu posso partilhar... Estão trocados mais de 600 ou 700 *e-mails*...

Do meu lado foi sempre uma transparência total. Fala-se muito do Luís Bernardo. O Luís Bernardo é consultor estratégico de vários grupos de *media*. Ele esteve a representar o fundo? Nunca. Ele é ou não consultor do fundo? Perguntem-lhe a ele...! Agora, perguntam-me a mim...?! Eu já ouvi citar dez nomes diferentes que estavam por trás do fundo — e eu podia citá-los aqui —

desde presidentes de países de várias geografias... Bom, acho que não interessa estar a citá-los aqui.

Agora, de facto, quem trabalha com fundos, e eu já trabalhei no passado, saberá que os grandes fundos têm os seus representantes, os seus advogados, os seus procuradores... Eu fiquei surpreso, não no sentido de desvalorizar o trabalho do José Paulo, foi como é que eles lhe entregaram tanto poder a ele. Sim, fiquei, fiquei surpreso! Não é? Fiquei surpreendido, porque estamos a falar de um grande investimento.

Agora, o que eu vi na Global, de facto, foi que houve aqui um incumprimento do fundo e esse incumprimento do fundo gerou tudo isto que nós temos. Qual é o incumprimento? Não transferiu dinheiro! Mas sobre isso têm de perguntar ao fundo ou aos representantes do fundo, ou seja, porque é que não transferiram o dinheiro? Estava tudo assinado... Todos os compromissos... Deixei esta empresa numa enorme condição de investimento e havia potenciais interessados em investir no projeto da língua portuguesa. Estas marcas têm um valor incalculável. Esta é pura das verdades!

A Sr.<sup>a</sup> Deputada disse-me qualquer coisa sobre a verdade que me está a faltar e eu gostava de a esclarecer... É tanta coisa!

*Aparte inaudível.*

Ó Sr.<sup>a</sup> Deputada, como é que acha que eu sei...? Eu sei que a Sr.<sup>a</sup> Deputada pensa outras coisas sobre mim, mas, Sr.<sup>a</sup> Deputada, não sei mesmo.

A Sr.<sup>a</sup> **Joana Mortágua** (BE): — Penso que é competente!

O Sr. **Marco Galinha**: — Eu faço o meu melhor, percebe?

A Sr.<sup>a</sup> **Joana Mortágua** (BE): — Mas saberá!

O Sr. **Marco Galinha**: — Sr.<sup>a</sup> Deputada, não sei mesmo. Estou a ser o mais sincero possível: não sei! Não sei! Quer que eu jure por alguém? Não sei, mesmo, Sr.<sup>a</sup> Deputada!

E posso ter desentendimentos com a Sr.<sup>a</sup> Deputada, mas tenho um enorme respeito pelo seu trabalho e ainda bem que existe a Sr.<sup>a</sup> Deputada, porque, muitas vezes, faz por encontrar certos esclarecimentos... Agora, está-me a bater e eu estou-me a sentir, quer dizer, estou preocupado, não é? Porque sei que, em muitos casos, têm toda a razão, mas, agora, não sinto que tenha razão e, se me conhecesse melhor, estava completamente esclarecida sobre estes temas, mas estou disponível para falar consigo, quando entender.

Esta empresa não é fácil... Dificuldades há muitas! É inacreditável; aquilo é um mar de dificuldades que nunca mais acaba. Por exemplo, eu gostava mesmo de responder a tudo o que perguntaram...

A Sr.<sup>a</sup> Deputada confundiu World Opportunity Fund e esse Sr. Dantas, de que eu só ouvi falar há dois dias. Alguém me perguntou por um Sr. Dantas... O que é que esse senhor, um tal Dantas qualquer coisa, tinha a ver... Aliás, acho que foi a Sr.<sup>a</sup> Deputada que me perguntou. Eu nunca ouvi falar nesse Dantas...

Houve um dia em que me fartei de rir, porque vi uma notícia, em que um reputado advogado em Portugal montou aqui um enredo, que, a mim só me deu vontade de rir, Sr.<sup>a</sup> Deputada — e eu tenho enorme respeito por esse Sr. Advogado, mas só me deu vontade de rir. Ou então estou a ser enganado, de facto, sobre quem é aquele Dantas, mas depois fui ler quem era o Dantas na Wikipédia, e ele tem uma coisa chamada o Opportunity Terras... Então, o



Marco Galinha andou a fazer cambalacho com o Lula, com o Sócrates, com a Janja e com essa gente toda e aquilo soa bem!... Agora também lhe digo, tive, de facto, com o Presidente Lula e falei...

A Sr.<sup>a</sup> **Joana Mortágua** (BE): — E com José Sócrates?

O Sr. **Marco Galinha**: — Ó Sr.<sup>a</sup> Deputada, mas porquê é que diz isso?

A Sr.<sup>a</sup> **Joana Mortágua** (BE): — Está nas notícias!

O Sr. **Marco Galinha**: — Ó Sr.<sup>a</sup> Deputada, está nas notícias, mas não é verdade.

O Sr. **Presidente**: — Peço desculpa. Sr.<sup>a</sup> Deputada, a Sr.<sup>a</sup> Deputada é que frisou que isto não é uma comissão de inquérito e, portanto, não vamos poder interpelar diretamente o Sr. Marco Galinha...

O Sr. **Marco Galinha**: — Nós ainda vamos tomar um café, Sr.<sup>a</sup> Deputada.

Ó Sr.<sup>a</sup> Deputada, tenho um enorme respeito pelo seu trabalho e gostava mesmo de responder a isto tudo e sobre os consultores, se foi para ajudar a Global Media a poupar dinheiro... Bom, também há aqui outros partidos e eu estou a focar-me mais nas suas perguntas.

Perguntaram-me se vou agir contra o fundo? Claro que sim, eu tenho de agir contra quem assinou documentos e contratos comigo.

Como é que o fundo investiu 10 milhões de euros? Tem de perguntar ao José Paulo Fafe, porque eu, de facto, saí do controlo da Global Media.

Deixe-me ver se ajudo aqui com mais alguma resposta, temos tempo ainda. O que é que foi negociado? Estas coisas eu não sei...

Qual o papel da Lusa no fundo? O papel da Lusa no fundo foi sempre salvaguardado. A Lusa era suposto sair antes. Neste País houve pessoas que não fizeram férias para resolver o tema da Lusa. Houve pessoas que não fizeram férias...

Mas sabem como é a política...? Estão sempre a rebentar novas coisas e o Governo lá se foi distraíndo e quando foi dar por ela, acabou como acabou. O mecanismo, que era muito importante para o País, perdeu-se. Não era para ajudar a Global, era para ajudar todos os *media*. E digo: a Global não precisava de vender a Lusa, mas estava no plano de investimento do fundo receber o dinheiro da Lusa. Percebo eu, porque, de facto, os representantes do fundo disseram-me que estavam à espera de tudo e que o fundo metia dinheiro para reestruturações/aquisições, mas não metia dinheiro para salários.

Eles também me disseram isso, ou seja, que podiam pôr dinheiro para reestruturações, mas na Lusa aquele dinheiro era preciso para fazer face ao *gap* de necessidades de capital. Isto é o que eu percebo.

Mas eu volto aqui a repetir: eu não entrei na Global desde que vendi, não voltei a entrar... Estou disposto, sim, senhor, a voltar a ajudar com uma equipa, mas tenho de ouvir o fundo. O fundo recebeu cartas minhas e, neste momento, estão a ser acionados os mecanismos para proteger aquilo que foi assinado... Agora, a grande preocupação é a Global.

O sistema público de apoio à comunicação social é extremamente importante. Como disse e muito bem, a Sr.<sup>a</sup> Deputada Patrícia Gilvaz, a pior coisa era viver num país onde o Estado controla a informação. Mas há formas de ajudar... Há várias formas de ajudar, seja no desconto de assinaturas no IRS.

Sobre esta distribuição em Miranda do Corvo, em Vila Real de Santo António, sempre que se vai lá temos um prejuízo enorme, por isso estamos a deixar de entregar os jornais em Portugal. As pessoas querem comprar jornais, mas tornou-se um prejuízo enorme.

E, já agora, quero ressaltar aqui uma coisa sobre a VASP: a VASP saiu da Global exatamente ao mesmo preço que saiu da Impresa. A Impresa também vendeu a VASP. Foi exatamente tudo ao mesmo preço. A transparência e a verdade sempre reinaram nas operações da Global.

Agora, tenho à volta de 80 empresas e eu não ando a gerir ao pormenor. Escolho as minhas pessoas de confiança e colaboro naquilo que posso.

O que é que eu posso ajudar aqui mais? É muito desagradável este incumprimento que, de facto, gerou todo este processo aqui. É muito desagradável! Agora, o que eu vos posso dizer é que estou disponível para fazer parte de uma solução, que eu acho que é isso que interessa às pessoas que estão em casa, aos trabalhadores, não são só jornalistas, a todos aqueles que têm valores por receber, mas, como deve imaginar, essas soluções não se fazem sem o *ok* do acionista maioritário... Pelo menos, é assim que eu conheço.

Tentamos apresentar soluções para sair desta situação que nos aflige a todos nós. É uma situação desagradável!

Pronto, desejo-vos as maiores felicidades. Quero agradecer-vos a oportunidade que me deram de esclarecer. Não é fácil estar aqui a ouvir 10, 20 perguntas por pessoa e depois acharem que é má vontade... Fiz o melhor, disse aquilo que sei e estou disponível para falar com vocês, se precisarem de algum esclarecimento pessoal ou alguma dúvida que tenham sobre as minhas próprias empresas ou sobre a Global, pois acho que só assim conseguiremos levar a nossa missão em frente.

Muito obrigado e foi um enorme prazer estar aqui.

O Sr. **Presidente**: — Muito obrigado.

Tem ainda a palavra a Sr.<sup>a</sup> Deputada Joana Mortágua, creio, sobre a condução dos trabalhos.

A Sr.<sup>a</sup> **Joana Mortágua** (BE): — Sr. Presidente, é uma interpelação à mesa sobre a condução dos trabalhos, visto que ainda há tempo, e tem a ver apenas com uma precisão.

O Sr. Marco Galinha disse que tinham sido acionados mecanismos para proteger o que foi assinado e eu só queria perguntar que mecanismos são estes que foram acionados, presumo eu, pelos restantes acionistas.

O Sr. **Marco Galinha**: — Sr.<sup>a</sup> Deputada, temos uma equipa jurídica extremamente competente e trabalhamos com as pessoas mais competentes. Todavia, neste momento, sei que eles estão a atuar, estão a aguardar respostas do outro lado. Houve troca de cartas, e tenho a certeza que estão acionados todos os mecanismos, ao abrigo do que foi assinado, para encontrar uma solução o mais célere possível. É o que eu lhe posso dizer. Não sei tecnicamente, não tenho formação em Direito, mas posso mantê-la informada assim que possível.

O Sr. **Presidente**: — Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, chegámos ao final desta primeira audição. Quero agradecer ao Sr. Marco Galinha a sua presença e a forma como respondeu, na medida do possível, às questões que lhe foram colocadas.

Acho que houve não-respostas, mas ficaram claras as razões porque é que não deu algumas respostas. Portanto, não sinto que tenhamos perdido o nosso tempo, pelo contrário, acho que ganhámos tempo.

Quero ainda dizer ao Sr. Marco Galinha que, na minha qualidade de Presidente desta Comissão, tenho todo o gosto em aceitar o seu convite. Nós temos uma agenda muito difícil agora, mas haveremos de encontrar solução para ir e estenderei, na altura em que concordarmos a visita ao arquivo, que é de todo um tema importante, esse convite a todos os grupos parlamentares desta Comissão.

Sr.<sup>as</sup> e Srs. Deputados, terminámos esta audição e vamos retomar os nossos trabalhos na sala 1 com a audição da Sr.<sup>a</sup> Ministra do Trabalho, da Solidariedade e Segurança Social dentro de minutos.

Obrigado a todos.

Está encerrada a reunião.

*Eram 12 horas e 8 minutos.*

A DIVISÃO DE REDAÇÃO.